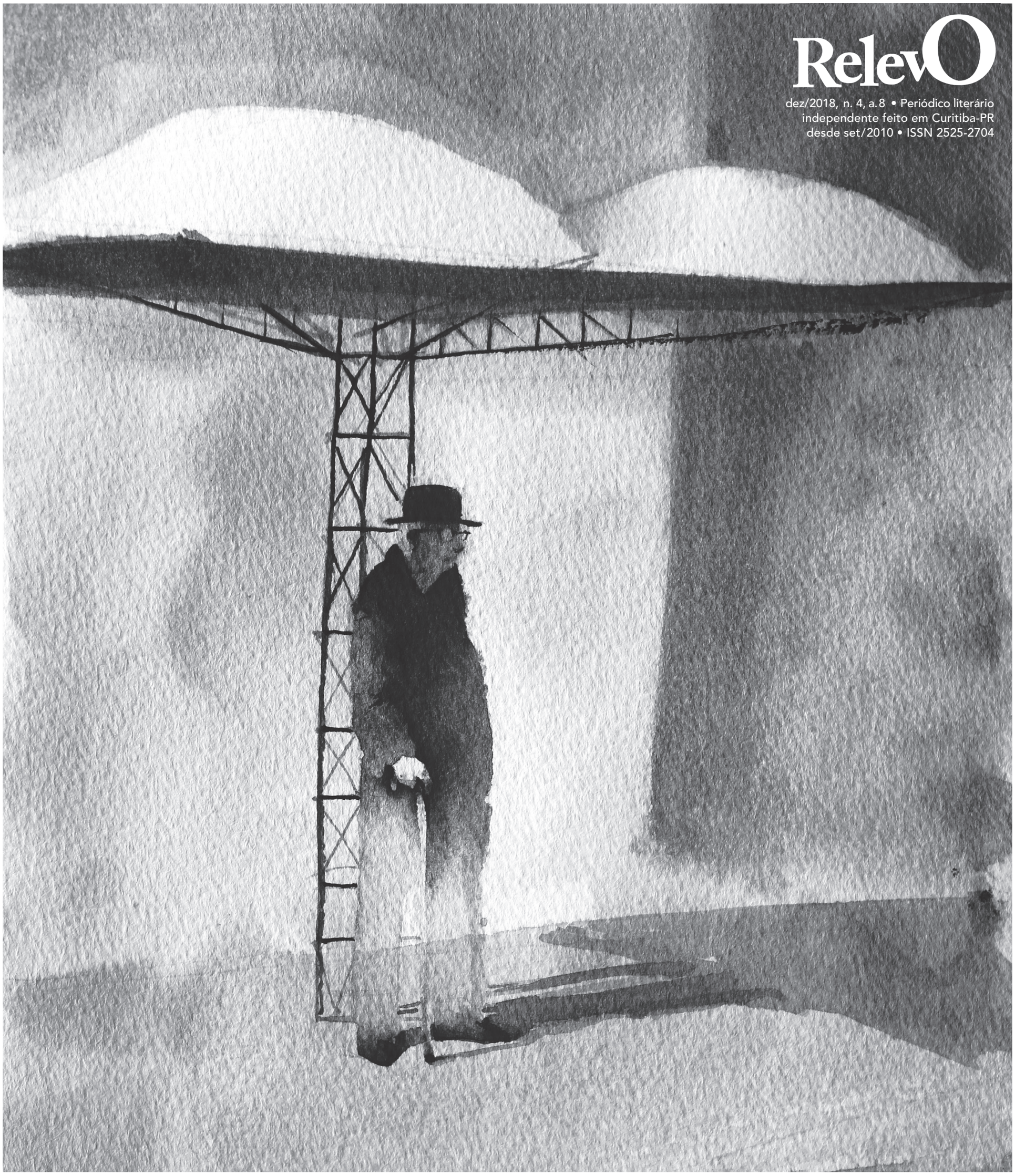
RelevO

dez/2018, n. 4, a. 8 • Periódico literário
independente feito em Curitiba-PR
desde set/2010 • ISSN 2525-2704



instagram.com
facebook.com
twitter.com
medium.com

/JORNALRELEVO.COM

Assine/Anuncie: O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique ou pelo contato@jornalrelevo.com.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

Imagens desta edição: As ilustrações desta edição são de autoria de João Paulo de Carvalho. Você pode conferir mais do trabalho dele em <instagram.com/jp_carvalho>.

Dezembro/2018

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Gisele Barão
Revisão: Mateus Senna
Projeto gráfico: Marceli Mengarda
Infografia: Bolívar Escobar
Logística: Thaís Alessandra Tavares
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 6.000

Edição finalizada em 28/11/2018

Disso de dinheiro

Entradas:
Anunciantes: R$ 200 Carlos Pessoa Rosa; R$ 150 Adriano Rossi; R$ 120 Gato Preto Livros; R$ 100 Editora Penalux; William Soares; R$ 50 Fisk; Torto Bar; Kikos Bar (Total: R$ 820)
Assinantes: R$ 240 Alvaro Fonseca Duarte; R$ 200 Érico Klein; R$ 110 Kátia Brembatti; R$ 100 Pedro Luz; Fernanda Dante; Ádlei Carvalho; Teresa Silva; R$ 65 Dinovaldo Gilioli; Eleonora Batista Leão; R$ 60 Miguel Angelo Manassés; R$ 55 Daniel Montoya; R$50 André Paiva; Renata Telles; Kaue Macedo; Andrea Berriel; Tihago Santana; Delbra Cristina Alves; Alisson Lima de Souza; Diana Visconti Mariana Basílio; Jiro Takahashi; Renata Crevelin; Carlos Bavutti; Wilson Guanais; Marcelo Adifa; Mariana Rúbia; Bernardo Machado; Expedito Ferraz Jr.; Diego Ribeiro; Andri Carvão; Greicy Bellin; Selma Becker; Laísa Morais; Maria do Socorro Moura; Fernando Ferrone; Angela de Moura Peixoto; Susy Elaine da Costa Freitas; Conrado Gonçalves; Adriano Rossi Zeppa Oliveira; Camila Fernandes; Jeison Giovani Heiler; Leila Míccolis; Pedro Bertolin; Guilherme Mazzafera; Lucas Túlio; Jaciara Carneiro; Maria Emília Lino Silva; Vanessa Carolina Portugal; André Helal; Andrea Bordinhão; Luciana Abdo; Mariana Paschoal; Dalmo Borba; Flávio Roberto Batista; Bruna Dercoski; Clara Baccarin; Flávio Peixoto; Sabrina Dalbelo; Henrique Fendrich; Luísa Burim; Mariana Franco Ramos; Mayra Corrêa e Castro; Karin Krogh; Jacqueline Carteri; Noélia Ribeiro; Tânia Ardito; Fernanda Frantz; Julia de Cunto; Gabriel Mussiat; Alexandra Vieira de Almeida; Paulo Rick; Michelle Rinaldi; Marcos Simão; Waldemar Solha; Gustavo Martins; Henrique Pakkatto; Sônia Barros; Bernardo Pilotto; Bruna Meneguetti Figueiredo; Pedro Barbosa; R$ 45 Fábio Gardenal Inácio; Talita Rodrigues; R$ 20 Tatiana Aline Santana (Total: R$ 4.805)

Saídas:
Gráfica: R$ 1.200 / Distribuição Curitiba, RMC & PG: R$ 1050 / Assinantes & Pontos de Distribuição: R$ 1.265
Distribuição motoboy: R$ 510 / Material de escritório: R$ 250 / Taxas PayPal & BB: R$ 100 / Redes ditas sociais: R$ 50
Conserto Computador: R$ 700
Domínio mensal e metafísico: R$ 18
Edição-assistente: R$ 100 / Revisão: R$ 70 / Diagramação: R$ 100 / Empacotamento: R$ 40 / Capa: R$ 50
Infografia: R$ 70

Custos totais: R$ 5.523
Receita total: R$ 5.630
Balanço de novembro de 2018: R$ 57

Carinho da torcida

PORTUCALE LINDA

Isabel Miguel O dia em que o correio deixa o **RelevO** em cima da minha secretária é o melhor dia de trabalho no mês. Um oásis no deserto quotidiano de uma bancária que detesta o que faz. E que esse pedacinho de felicidade tenha vindo do outro lado do mundo e atravessado um oceano até chegar a mim só aumenta a dose de felicidade.

VAMOS QUE VAMOS

Lúcia Mara Formighieri No que depender de mim, sou e sempre fui a favor do impresso, independentemente da crise, podem contar comigo. São assinantes que mantêm um jornal.

Guilherme Bucco Galeuras, por 4 reais e uns centavos por mês vocês recebem, em casa, um jornal literário com vários textos, ora divertidos ora diferentes ora poéticos ora sem sentido ora precisam de duas leituras, acompanhados de ilustrações e entrevistas sempre de pessoas pouco ou muito conhecidas. É mais barato que um cafezinho da casa do pão de queijo, poxa.

QUEM?

Walcir Santi Abraço ao Bruno.
Da redação: Pode deixar, Walcir!

REAJUSTE

José Vecchi de Carvalho Boa noite. Enviei o post do Jornal sobre as dificuldades com as assinaturas para alguns contatos meus. Fiquei apreensivo também com os toques sobre anunciantes, digo, penso em ideias para sustentação do jornal. Em tempos de resistência, a cultura, as artes em geral e, no nosso caso, a literatura, precisam resistir. Sei que é difícil e pode afugentar, mas é preciso discutir também um reajuste no valor das assinaturas. Tamo junto.

Luisa Burim Estou terminando a edição de novembro. Queria ler a de outubro, mas ainda espero minha edição com autógrafo hihuh >< obrigada por todo o empenho. A edição está maravilhosa. Vocês me viciaram.

AÍ NÃO!

Henrique Jr. Eu que ria da pessoa reclamando por seu nome não vir manuscrito no envelope com o jornal, agora recebo meu exemplar só com meu endereço na etiqueta, sem MEU NOME. Aí não!

LITERATURA

Paulinho Dhi Andrade Eis um jornal literário CARREGADO de Literatura, isso mesmo, Literatura.

UÉ?

Eder Elias Jr. irrelevokkkkkkkkkkkkk

Fernando Maroja Vida longa ao **RelevO**! Ler é preciso, mais e mais. E é uma delícia receber o jornal, que precisa de mais assinantes. Conheça esta iniciativa.

SANTO DE CASA

Leandro Rafael Perez Enrolei e enrolei pra assinar! Mas vale muito a pena. Super recomendo.

Julio Almeida Impressão minha ou vocês pararam de pegar no pé dos Correios?
Da redação: Engano seu, Julio. Não passamos

dois dias sem demonizar a prestação de serviços desta instituição.

Luz María Romero Amo meu **RelevO**!

Luiz Junior Parabéns pela linda luta pela continuidade do **RelevO**, essa persistência, vontade, carinho que fazem do jornal a luz na vida das pessoas, seja com sorriso ou com CONHECIMENTO!

Isa Novak As revistas e jornais são formas de circular a informação sobre livros, literatura e quadrinhos, contribuindo para a ampliação do conhecimento sobre o universo editorial, livreiro e da leitura. É o mesmo que ler jornal de notícias diário, mas confesso que a concentração de informações e a diversidade que abordam sobre o assunto cultural é gigante que nem a web bastaria para me prender.

CAPA CAPA CAPA CAPA

Tatiana Aline Santana Essa capa está linda! Aguardando o meu exemplar.

Taise Dourado Capa maneiríssima!

Jhoni Js Capa fantástica!

Luiz Bittencourt Impressões do fim do mundo.

Itamar Vieira Junior Amo as capas do **RelevO**.

Milton Rezende Vida longa e saudável ao periódico.

Bruna Meneguetti Figueiredo Que capa maravilhosa.Vida longa ao **RelevO**!

Cinthia Kriemler Capa show! Renovei o jornal e pretendo continuar fazendo isso. Adquiri a edição especial de aniversário, linda, e antecipei a minha assinatura. Porque vale muito a pena. Adoro ler o periódico. Sempre tão diversificado. Obrigada por tudo e força!

Marco Aqueiva A capa já anuncia o espetáculo! Oito anos é uma ótima soma. Resistir pra multiplicar!

IDEIAS

Claudia Lopes Borio Acho que se subiram os preços das coisas, o **RelevO** devia mudar de formato. Devia fazer uma revista colorida, de papel couchê super luxo, com histórias em quadrinhos também, e ser vendida por um preção elite. Vai que fazendo tudo ao contrário a coisa não vira cult? Pois desse jeito tá dureza. Mas eu boto fé no material!

Sérgio Bernardo Tenho recebido os exemplares pontualmente a cada mês. Simplesmente excelentes. Espero que mais assinantes adiram, pois, se já vai ficar difícil com as publicações literárias e culturais em circulação, o que dizer sem elas. Desejo o melhor ao Jornal **RelevO**, Daniel. Abraço.

Greicy Bellin Vou renovar minha assinatura porque, além da qualidade do **RelevO**, acredito que um jornal de literatura não precisa, necessariamente, se posicionar em relação a questões políticas. Esta opção é dos editores e deve ser respeitada. O Daniel é meu aluno e sabe de minha reticência em relação à obrigatoriedade da simbiose entre literatura e militância política. Manifesto, portanto, meu apoio incondicional ao **RelevO**. Siga adiante!

Idianara Lira Navarro Assinatura renovadissíma. Nossa, complicado em: posicionar-se politicamente resulta em conflitos com pessoas de opinião contrária a sua, não posicionar-se também?! Para mim, o **RelevO** é muito interessante, por seu conteúdo literário e cultural bastante diversificado. Delícia maior é receber mensalmente o impresso em minha casa e fugir do cotidiano com textos que fazem rir, chorar e refletir. Enfim, torço para que este retrocesso na tiragem seja temporário e de minha parte continuarei divulgando o jornal no blog.

Paulo Ricck Boa noite. Eu sempre peguei o meu exemplar na Uniandrade, então estava cômodo para mim, mas vou assinar para receber em casa e para valorizar a sua dedicação a esse projeto, pois isso é realmente louvável. Eu tenho preguiça de fazer uma mísera lauda de trabalho, quem dirá um jornal... kkkkkk Outra coisa: achei um tremendo D.E.S.A.F.O.R.O os assinantes não renovarem a assinatura porque o jornal não se posiciona politicamente. Só pode ser piada mesmo, vocês deixarem de receber um material tão rico deste, porque falta uma pitada de política nele. A política é um verdadeiro câncer que está destruindo a sociedade. Famílias inteiras se digladiando e parando de se falar por causa de convicções ridículas. O país inteiro está separado porque a população tem esperança em pessoas que nem sabem que elas existem.
A partir de hoje têm meu apoio. Vamos manter o **RelevO** vivo!

NENO MOURA

Rosane Cordeiro da Silva Excelente texto do Neno Moura na última edição do **RelevO**! Desfecho impactante, fica um gostinho de quero mais. Parabéns!

Editorial

Temos, no **RelevO**, três demarcações contínuas da passagem do tempo:

– A edição de setembro, que marca o início de nossa nova temporada, novo projeto gráfico, novas metas editoriais, novos planos, ambição de curar todos os vícios, promessas de cumprimento de prazos. Em setembro de 2010, circulou a nossa primeira edição. Desde então, são mais de 120 números (não sabemos ao certo), mês a mês, ininterruptamente, num misto de insistência e burrice. Sempre que chegamos a setembro, zeramos a contagem de edições e voltamos à edição 1;

– A edição de dezembro, que demarca a passagem de um ano ao outro. Esta é uma edição geralmente estranha, mais disfuncional que o normal, pois fechamos o jornal ainda no mês de novembro, antes da chave mental do ano seguinte começar a virar. É aquela etapa da vida em que estamos à beira de um ataque de nervos, pedindo por alguns dias de férias, acometido pelo recorrente pensamento: "Pra quê?";

– A própria edição mensal, que sai entre os dias 25 e 31. Ela evidencia pequenos ciclos, mudanças e ajustes, alterações de rumo, custos novos, geralmente maiores, a soma de todo um mês de trombadas, de textos que chegam para ser analisados, de textos que são aprovados, de negativas e posteriores ofensas por parte de muitos escritores, reuniões com novos anunciantes, dia a dia de venda de assinaturas, busca constante por saúde financeira, até que o jornal fecha, vai para a gráfica e espiritualmente o mês acabou.

Estamos em dezembro, embora este editorial tenha sido escrito nos últimos suspiros de novembro. É certamente uma época do ano que remete ao ciclo das mudanças existenciais, do ano que pode ser e do ano que foi. Tempo de balanço, de retrospectiva e de revisão pessoal. Contabilidade de dores.

2018 não foi um ano fácil. Aumento de custos de gráfica, de correios, de transporte, de papelaria. Instabilidade política e econômica. Editor com o inferno provisório da vida estudantil para acompanhar o crescimento logístico do jornal e o processo interno de desvarzeamento, ainda em curso.

Tivemos bons erros editoriais. Assinantes nos deixaram pelas mais diversas razões, das financeiras às político-partidárias (ou simplesmente por não nos responderem). Aumentamos nossa distribuição gratuita; diminuímos nossa distribuição gratuita; começamos a pagar mais colaboradores, o que é bom; tivemos que emprestar dinheiro para pagar contas em diversos meses. Ainda desconhecemos o campeão da Libertadores.

Também foi um ano de perspectivas positivas. Passamos da marca de 1000 assinantes. Notamos um aumento de cartas dos leitores. Melhoramos procedimentos internos. Conseguimos não dar prejuízo em dez edições do ano. Ainda fizemos duas edições especiais. A equipe, não sabemos como, segue praticamente a mesma.

Para o ano que vem, nossa busca é transformar o **RelevO** em uma instituição mais sólida, tanto juridicamente quanto em relação a aspectos sociais, de possíveis projetos de letramento a um foco crescente na descentralização da nossa distribuição, inclusive dos autores e autoras publicados. Também precisamos equilibrar o caixa com mais anunciantes sólidos para que o desgaste físico com captação de assinantes diminua.

Ainda estamos na busca por maior equidade de gênero, por mais mulheres publicadas, e ambicionamos pluralidade e divergência de vozes – isto é, pessoas diferentes que pensam diferente, e não pessoas diferentes em uníssono –, para não sermos um jornal que passa a mão na cabeça de seu público. Jornal confortável não chega na terceira página.

São muitos desejos, e os ciclos passam cada vez mais rápido. Quando este jornal chegar em suas mãos, já estaremos de olho na edição do mês seguinte, perante os incertos cheques da quinzena, consumidos nas ofertas de assinatura da semana, anotando o endereço de entrega que mudou ("agora não é mais em Anápolis!").

O tempo é frequentemente um destruidor — como são os escultores quando trabalham um bloco de pedra, dizia o filósofo e poeta alemão Walter Kaufmann. O problema de trabalhar no vagão é não poder aproveitar a viagem.

Uma boa leitura a todos (e ótimo 2019).

Nosso jornal nas bibliotecas comunitárias do Brasil

Pará	
Belém	Espaço Cultural Nossa Biblioteca Biblioteca Comunitária Carolina Maria De Jesus Biblioteca Comunitária Rios De Letras Espaço Comunitário Literário Livro Encantado BomBomLer
Ananindeua	Biblioteca Comunitária Moara
Maranhão	
São Luís	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Prazer em Ler Biblioteca Comunitária Arco Iris do Saber Biblioteca Comunitária Semente Literária Biblioteca Comunitária Mundo do Saber Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria Biblioteca Comunitária Josué Montello Biblioteca Comunitária Wilson Marques Biblioteca Comunitária Caminho do Conhecimento Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo Biblioteca Comunitária da Residência 05 Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitaria O Fantástico Mundo Da Leitura Biblioteca Comunitária Viajando pela Alegria do Saber Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária Cora Coralina
Ceará	
Fortaleza	Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança Biblioteca Comunitária Criança Feliz Biblioteca Comunitária Jardim Literário Biblioteca Comunitária CL Professor Leônidas Magalhães Biblioteca Comunitária Famílias Reunidas Biblioteca Comunitária Mundo Jovem Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias Biblioteca Comunitária Casa Camboa de Sabiaguaba Biblioteca Comunitária Plebeu - Gabinete de Leitura
S. G. do Amarante	Biblioteca Comunitária Literateca
Pernambuco	
Recife	Biblioteca Popular do Coque Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura Biblioteca Comunitária Educ Guri Biblioteca do Cepoma
Jaboatão dos Guararapes	Biblioteca Comunitária do Peró
Olinda	Biblioteca Multicultural Nascedouro Biblioteca Comunitária Lar Meimei
Bahia	
Salvador	Biblioteca Comunitária Clementina de Jesus Biblioteca Comunitária do Calabar Biblioteca Comunitária Condor Literário Biblioteca Comunitária de Ítalo Biblioteca Comunitária Novo Amanhecer Biblioteca Comunitária Padre Alfonso Pacciani Biblioteca Comunitária Padre Luís Campinotti Biblioteca Parque São Bartolomeu Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Sandra Martini Biblioteca Comunitária São José de Calazans Biblioteca Comunitária Sete de Abril Biblioteca Comunitária Tia Jana Biblioteca e Infocentro Maria Rita Almeida de Andrade
Minas Gerais	
Belo Horizonte	Biblioteca Comunitária Livro Aberto
Betim	Biblioteca Comunitária Professor Arlindo Correa da Silva Biblioteca Comunitária Cantinho dos Sonhos Biblioteca Comunitária Salão do Encontro
Sta. Luzia	Biblioteca Comunitária Corrente do Bem
Sabará	Borrachalioteca
Rio de Janeiro	
Rio de Janeiro	Biblioteca Comunitária Wagner Vinicio Biblioteca Comunitária do Cerro Corá Biblioteca Comunitária Palavras Compartilhadas Biblioteca Comunitária Atelier das Palavras Biblioteca Comunitária Carolina Maria de Jesus Biblioteca Comunitária Jurema Gomes Baptista Biblioteca Comunitária Eias José Biblioteca Comunitária Walter de Araújo
Duque de Caxias	Biblioteca Comunitária Josimar Coelho da Silva Biblioteca Comunitária MANNS Espaço Literário Balaio de Leitura Varanda Literária Maria de Lourdes Miranda Biblioteca Comunitária Vila Aracy
Nova Iguaçu	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Thalita Rebouças Biblioteca Comunitária Olhar Cultural Biblioteca Comunitária Prof Judith Lacaz Biblioteca Comunitária Mágica Biblioteca Comunitária Ziraldo Biblioteca Comunitária Zuenir Ventura Biblioteca Comunitária Três Marias Biblioteca Comunitária J. Rodrigues
Paraty	Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Laranjeiras Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Patrimônio Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Ponta Negra Biblioteca Comunitária Casa Azul Biblioteca Comunitária Colibri Biblioteca Comunitária Itema Biblioteca Comunitária Regina Célia Gama de Miranda
São Paulo	
São Paulo	Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura Biblioteca Comunitária Cultura no Quintal Biblioteca Comunitária Solano Trindade Biblioteca Comunitaria Ademir dos Santos Biblioteca Comunitária Djeanne Firmino Bib. Com. EJAAC - Espaço Jovem Alexandre Araujo Chaves Biblioteca Comunitária de Heliópolis
Guarulhos	Biblioteca Comunitária Picadeiro da Leitura
Mauá	Biblioteca Comunitária Mundo dos Livros Biblioteca Comunitária do CCDL
Rio Grande do Sul	
Porto Alegre	Biblioteca Comunitária Girassol Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto Biblioteca Comunitária do Arquipélago Biblioteca Comunitária do Arvoredo Biblioteca Comunitária Ceprimoteca Biblioteca Comunitária Chocolatão Biblioteca Comunitária Cirandar Biblioteca Comunitária Visão Periférica Espaço Multicultural Livros sobre Trilhos Biblioteca Comunitária do Cristal
Dist. Federal	
Brasília	Biblioteca Escolar e Comunitária da EQS 108/308

QUER DISTRIBUIR O RELEVO?
ESCREVA PARA CONTATO@JORNALRELEVO.COM

Locais RelevAntes

Banca Tatuí www.bancatatui.com.br
Desenho por Ángela León

Livraria Lume www.lumecultural.com.br

Gato Preto facebook.com/gatopretodiscos/

Kikos Bar bit.ly/kikosbar

Pontos de distribuição do jornal RelevO pelo Brasilzão doido

Relief journal distribuition spots around the Brazilian crazy lands

PARANÁ • **Curitiba** Agendarte Livros /Ao Distinto Cavalheiro / Ave Lola Espaço de Criação / Baba Salim / Bar Avenida / Bar Baroneza / Bar do Dante / Bar Ornitorrinco / Bar Pedro Lauro / Bar Stuart / Bec Bar Lanchonete / Bisa Basilio Café / Bodeguita / Botanique / Bristol Hotel / Brooklyn Café / Café Avenida / Café Tiramisu / Café do Mercado / Café do MON / Café do Teatro / Café Lisboa / Café Mafalda / Café Mitre / Café do Viajante / A Caiçara - Cozinha Litorânea / Capela Santa Maria / Caramelodrama / Casa das Bolachas / Casa Verde Beer Bar / Centro Europeu / Chelsea Café / Choripan / Creative Mornings / Dizzy Café Concerto / Doce Morena Bistrô e Café / Empório Kaveh Kanes / ESA / Expresso Café / Faculdades Santa Cruz - Balcão / Fazenda Rancho Flora Café / Fingen Café / Fundação Cultural de Curitiba / Gerência Faróis do Saber / Galeria Ponto de Fuga / Hotel Slaviero Full Jazz / Itiban Comic Shop / Joaquim Livraria / Kapele Bar / Kikos Bar / Le Mundi Café Terapêutico e Livroteca / Livraria Arte & Letra / Livraria do Chaim / Magnólia Café / Mercearia Fantinato / Museu Oscar Niemeyer / Museu Guido Viaro / Nobresy Pan / O Torto Bar / Paniciello / Panificadora Quintessência / Provence Boulangerie / PUC - Letras / Rádio Cultura / Rause Café e Vinho / Restaurante Mamba / Sebo Arcádia / Sebo Santos / Selvática Ações Artisticas / SINDIJOR / SISMUC / Solar do Barão / Supernova Coffee / Teatro Lala Schneider / Teatro SESI Portão / TUBOTECA / UNIBRASIL – Jornalismo / Universidade Tuiuti – Jornalismo / UP Mossungué – Jornalismo / UP Santos Andrade – Recepção / UTFPR – Sala dos Professores / UFPR - Letras • **Araucária** Arquivo Histórico Municipal / ASPMA / Banda Municipal / Bar do Tiko / Câmara Municipal / Casa do Artesanato / Casa da Cultura / CEU / Colégio SESI / Duetto Café / Escola Municipal Terezinha Mariano Theobald / FANEESP / FISK / Loteria Zanella / Memorial de Araucária / Museu Tingüi-Cuera / Núcleo Cultural do CAIC / Panificadora El Grano / Papelaria EBG / Panificadora Sol / Prefeitura Municipal / Rádio Iguassu / Secretaria de Cultura / SISMMAR / Teatro da Praça • **Campo Largo** Inspirarte Centro Cultural / Museu Municipal • **Castro** Espaço Cultural Casa da Praça / Casa da Cultura Emilia Erichsen • **Contenda** Escola Municipal Vanilda Dzierwa / Panificadora Gaspar / Panificadora Schinda / Prefeitura Municipal • **Cruzeiro do Sul** Espaço Cultural Prefeito Tomoyuki Harada • **Fazenda Rio Grande** Vó Nita Pães e Doces / Café Coração • **Guarapuava** Gato Preto Discos & Livros / UNICENTRO • **Lapa** Centro Receptivo Turistico / Livraria & Papelaria Nanise / Mundo da Leitura / Panificadora Zeni • **Londrina** UEL / Coletivo Versa / Livraria da Silvia / Nosso Sebo • **Lunionópolis** Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Lupionópolis • **Palmeira** Supermercado Eurich / Secretaria de Educação / Secretaria de Esporte e Cultura • **Pinhais** Livraria Café Com Letras • **Piraquara** Livrarias Nobre Cultura • **Ponta Grossa** Livraria e Papelaria Universo da Leitura / UEPG - Jornalismo e Letras / Verbo Livraria 1 e 2 • **Santa Isabel do Ivaí** Secretaria de Educação e Cultura de Santa Isabel do Ivai • **São José dos Pinhais** SESI / Secretaria de Cultura / Livraria Café Com Letras / Museu Atilio Rocco / Freguesia do Livro - Shopping São José • **Umuarama** Restaurante e Lanchonete Tio Patinhas **SANTA CATARINA** • **Florianópolis** UFSC / Livraria Livros & Livros / CIC / Sebo Ilha das Letras Florianópolis • **Blumenau** FURB - Departamento de Letras; Divisão de Cultura / Greenplace / Livraria Blulivro • **Brusque** Livraria Saber • **Caçador** Livraria Selva • **Itaiópolis** Centro de Recepção de Visitantes • **Itajaí** Univale • **Jaraguá do Sul** Bar do Nens • **Joinville** Barba Ruiva Livros & Discos / Univille • **Mafra** Restaurante Amora Sustentável / SESC • **São Bento do Sul** Dom Quixote Livros • **São José** Sebo Ilha das Letras São José • **Tubarão** Libretto Livraria **RIO GRANDE DO SUL** • **Porto Alegre** Livraria Bamboletras / Café Cartum / Café República / Livraria Baleia / Livraria Raizes / Livraria Taverna / Traça Livraria • **Bento Gonçalves** Dom Quixote Livraria & Cafeteria • **Caxias do Sul** Dulce Amore Café & Algo Mais • **Frederico Westphallen** Vitrola • **Santa Cruz do Sul** Casa das Artes Regina Simonis • **Santa Maria** Athena Livraria • **São Francisco de Paula** Miragem Livraria **SÃO PAULO** • **São Paulo** ABER - Associação Brasileira de Encadernação e Restauro / Banca Curva / Banca Tatuí / Blooks Livraria SP / Café Raiz / Casa das Rosas / Casa do Povo / Casa Guilherme de Almeida / Cemitério de Automóveis / Comix Book Shop / Desculpe A Poeira / Escola Macunaíma de Teatro / Escrevedeira / Estúdio Lâmina / Faculdade Sumaré-Letras / Galeria Hipotética / IMS / Intermeios Casa de Arte e Livros / Livraria Reserva Cultural / Livraria Zaccara / Matilha Cultural / PUC Sumaré-Letras / SESC Pompéia /Tapera Taperá / Teatro do Centro da Terra / Teatro São Pedro / UGRA PRESS • **Araçatuba** Sebo Dom Quixote • **Araraquara** Casa da Cultura / Palacete das Rosas • **Botucatu** Sebo Alfarrábio • **Campinas** Torta • **Campos do Jordão** Livraria Jaguaribe • **Franca** Confraria Cult • **Guarulhos** Livraria Grarulivros • **Jundiaí** Rosa Café • **Piracicaba** Sebo do Formiga • **Ribeirão Preto** Fundação Observatório do Livro e da Leitura / Livraria Travessa Ribeirão • **São João de Bela Vista** Bagagem Leve Sebo & Livraria • **Santo André** Gambalaia Espaço de Artes e Convivência • **Taubaté** Sebo Estação Cultural **RIO DE JANEIRO** • **Rio de Janeiro** Academia Brasileira de Letras / Belle Époque Discos e Livros / Blooks Livraria / Casa do Choro / Espaço Oito e Meio / Espaço Saracvra / Livraria da Editora da UFRJ / Livraria Leonardo da Vinci / Livraria Universo Centro Cultural / Observatório de Imprensa / Plástico Bolha • **Itaipava** Livraria e Bistrô de Itaipava • **Paraty** Café Pingado / Casa da Cultura de Paraty / Livraria de Paraty / Teatro Espaço **ESPÍRITO SANTO** • **Vitória** Torre de Papel • **Guarapari** Banca da Lua • **São Mateus** Livraria Sebo & Arte • **Três Rios** Livraria Favorita **GOIÁS** • **Goiânia** Evoé Café Com Livros / Livraria Palavrear **MINAS GERAIS** • **Belo Horizonte** Armazém do Livro / Ateliê Estratégias Narrativas / Café 104 / Espaço Guaja / FALE (Faculdade de Letras UFMG) • **Itajubá** Lume Livraria / Sebo Bis **Juiz de Fora** Espaço Excalibur / FLUX • **Uberlândia** UFU **DISTRITO FEDERAL** • **Brasília** Banca da Conceição / Caixa Cultural / Ernesto Cafés Especiais / Livraria, Café e Bistrô Sebinho / Rapport Cafés Especiais e Bistrô • **Ceilândia** Projeto Jovem de Expressão • **Taguatinga** ONG Moradia e Cidadania **MATO GROSSO** • **Cuiabá** Metade Cheio **MATO GROSSO DO SUL** • **Campo Grande** Livraria LeParole **ALAGOAS** • **Maceió** Casa de Cultura Luso-Brasileira **BAHIA** • **Salvador** Livraria Boto-Cor-de--Rosa / Livraria e Distribuidora Multicampi **CEARÁ** • **Fortaleza** Livraria Lamarca / Sebo Ellenia **PARAÍBA** • **João Pessoa** Centro Cultural Espaço Mundo / Viveiro Pirata / Quintal Armorial / A Budega Arte Café / Usina Cultural Energisa • **Cajazeiras** Livraria Universitária CZ **PERNAMBUCO** • **Recife** A Vida É Bela Café / Borsoi Café Clube / Centro Cultural Raimundo Carrero / Clandestino Café / Lalá Café & Cozinha Afetiva / Livraria Idéia Fixa / Malakoff Café • **Garanhuns** Livraria Casa Café • **Olinda** Sebo Casa Azul • **Salgueiro** Capabella Sebo **PIAUÍ** • **Teresina** Casa da Cultura / Café da Gota Serena / Espaço Artístico e Galeria Sobrado / Espaço Galpão **SERGIPE** • **Aracaju** Livraria Escariz **AMAZONAS** • **Manaus** O Alienígena Acervo e Espaço Cultural **PARÁ** • **Belém** Fox Vídeo **MARANHÃO** • **São Luís** AMEI - Associação Maranhense de Escritores Independentes / Academia Ludovicense de Letras / Livraria Poeme-se / Sebo Arteiro

Projeto Adote uma Biblioteca

Adopt Some Library project

PARANÁ • **Curitiba** Biblioteca da SEPT / Biblioteca da UniAndrade / Biblioteca da Universidade Tuiuti / Biblioteca da UP / Biblioteca da UTFPR / Biblioteca de Ciências Humanas da UFPR / Biblioteca do Bosque Alemão / Biblioteca do Colégio da Polícia Militar do Paraná / Biblioteca do Paço / Biblioteca Graciosa Country Club / Biblioteca Hideo Handa / Biblioteca Pública do Paraná / Bondinho da Leitura / Casa da Leitura Augusto Stresser / Casa da Leitura Dario Vellozo / Casa da Leitura Hilda Hilst / Casa da Leitura Jamil Snege / Casa da Leitura Laura Santos / Casa da Leitura Manoel Carlos Karam / Casa da Leitura Marcos Prado / Casa da Leitura Maria Nicolas / Casa da Leitura Miguel de Cervantes / Casa da Leitura Nair de Macedo / Casa da Leitura Osman Lins / Casa da Leitura Paulo Leminski / Casa da Leitura Vladimir Kozák / Casa da Leitura Walmor Marcellino / Casa da Leitura Wilson Bueno / Casa da Leitura Wilson Martins / Farol das Cidades / Farol do Saber Antônio Machado / Farol do Saber Aparecido Quinaglia / Farol do Saber Aristides Vinholes / Farol do Saber Emilio de Menezes / Farol do Saber Frei Miguel Bottacin / Farol do Saber Gibran Khalil / Farol do Saber Machado de Assis / Farol do Saber São Pedro e São Paulo / Farol do Saber Tom Jobim / Gerência Faróis do Saber / Gibiteca Jardim Pinheiros • **Adrianópolis** Biblioteca Cidadã Helena Kolody • **Ampere** Biblioteca Cidadã Professora Cremilda Viana • Arapongas Biblioteca Pública Municipal Machado de Assis • **Araucária** Biblioteca Pública Emiliano Perneta / Casa das Palavras Brincantes • **Cambé** Biblioteca Pública de Cambé • **Campo Largo** Biblioteca Pública Municipal Dr. Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo • **Campo Mourão** Biblioteca da Indústria do Conhecimento • **Cantagalo** Biblioteca Pública Municipal Valdemiro José Bona • **Cascavel** Biblioteca Pública Sandálio dos Santos • **Castro** Biblioteca Cidadã Prof.ª Nelsi Kugler • **Contenda** Biblioteca Pública Municipal • **Doutor Camargo** Biblioteca Cidadã Professora Eliza Regina Castanheira de Santana • **Guarapuava** Biblioteca Municipal Padre Ruiz de Montoya / Biblioteca do Centro de Artes e Esportes Unificados - CEU • **Lobato** Biblioteca Municipal Castro Alves • **Londrina** Biblioteca Municipal de Londrina • **Marechal Cândido Rondon** Biblioteca Cidadã Alice Weirich • **Maringá** Biblioteca Prof. Bento Munhoz da Rocha Netto / Gerência do Livro, Leitura e Literatura de Maringá • **Maripá** Biblioteca Pública Cidadã Prof. Marlene Alenbrant • **Nova Fátima** Biblioteca Cidadã de Nova Fátima • **Ourizona** Biblioteca Cidadã Profª Ivete Aparecida Zaninelo Boson • **Palmeira** Biblioteca Municipal Moisés Marcondes • **Pato Branco** Biblioteca Municipal de Pato Branco • **Piên** Biblioteca Municipal Professora Helena Braun / Biblioteca Pública Municipal de Piên A/C Eber Godoi • **Pinhais** Biblioteca Pública de Pinhais • **Ponta Grossa** Biblioteca Pública Municipal Professor Bruno Enei • **Pontal do Paraná** Biblioteca Pública Municipal Abilio João Vizzotto • **Rio Branco do Sul** Biblioteca do Colégio Manoel Borges de Macedo • **Rolândia** Biblioteca Cidadã Michael Trauman / Biblioteca Professor Eduardo Kasperski / Biblioteca Professor José Antônio Gorla / Biblioteca Pública Rui Barbosa / Biblioteca SESI Indústria do Conhecimento • **Santa Mariana** Biblioteca Pública de Santa Mariana • **Terra Boa** Biblioteca Cidadã de Terra Boa • **Teixeira Soares** Biblioteca Municipal Cidadã de Teixeira Soares • **Tibagi** Biblioteca Pública Municipal Historiador Luiz Leopoldo Mercer • **Toledo** Biblioteca Pública Municipal de Toledo • **União da Vitória** Biblioteca IFPR de União da Vitória **SANTA CATARINA** • **Florianópolis** Biblioteca Pública de Santa Catarina • **Blumenau** Biblioteca Municipal Dr. Fritz Müller / Biblioteca Universitária da FURB **RIO GRANDE DO SUL** • **Porto Alegre** Biblioteca Pública do Estado do RS • **Anta Gorda** Biblioteca Pública Municipal Cecilia Meireles • **Pelotas** Biblioteca Pública Pelotense **SÃO PAULO** • **São Paulo** Biblioteca Pública Alceu Amoroso Lima / Biblioteca Mário de Andrade / Biblioteca de São Paulo / Biblioteca Parque Villa-Lobos • **Arujá** Biblioteca Municipal de Arujá • **Taubaté** Coordenadoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da UNITAU **RIO DE JANEIRO** • **Niterói** Biblioteca Popular Anisio Teixeira **ESPÍRITO SANTO** • **Vitória** BPES A/C Rita de Cássia / Biblioteca Pública Municipal de Vitória • **Cariacica** Biblioteca Pública Municipal de Cariacica • **Vila Velha** Biblioteca Pública Municipal Vila Velha **MINAS GERAIS** • **Juiz de Fora** Biblioteca Pública Murilo Mendes • **Ituiutaba** UFU - Biblioteca Setorial Ituiutaba • **Monte Carmelo** UFU - Biblioteca Setorial Monte Carmelo • **Patos de Minas** UFU - Biblioteca Setorial Patos de Minas • **Uberlândia** UFU - Sistema de Bibliotecas / UFU - Biblioteca Central Santa Mônica / UFU - Biblioteca Setorial Umuarama / UFU - Biblioteca Setorial Educação Física / UFU - Biblioteca Setorial Hospital de Clínicas **BAHIA** • **Salvador** Biblioteca Betty Coelho / Biblioteca Pública do Estado da Bahia • **Caxias** Biblioteca Pública Odylo Costa **CEARÁ** • **Fortaleza** Biblioteca Comunitária Livre Curió **PERNAMBUCO** • **Recife** Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiares **PIAUÍ** • **Teresina** Biblioteca Pública Estadual Desembargador Cromwell de Carvalho **ACRE** • **Rio Branco** Biblioteca Estadual do Acre **MARANHÃO** • **São Luís** Biblioteca Pública Benedito Leite / Biblioteca Central da UFMA / • **Caxias** Biblioteca Pública Odylo Costa **PARÁ** • **Belém** Biblioteca Comunitária Antonio Tavernard **RORAIMA** • **Boa Vista** Biblioteca Pública do Estado de Roraima **TOCANTINS** • **Palmas** Biblioteca Pública Municipal Jaime Câmara Cortesia

APOIATCHËLLIS

Alexandre Guarnieri	Rio de Janeiro
Mauricio Limeira	Rio de Janeiro
Ana Paula Oliver	São Paulo
Lis del Barco	São Paulo
Maria Carolina de Bonis	São Paulo
Tchello Barros	São Paulo
Daniel Osiecki	Curitiba
Flavio Jacobsen	Curitiba
Jaciara Carneiro	São José dos Pinhais
Joseani Ribas	Curitiba
Mara Lima	Curitiba
Samantha Abreu	Londrina
Jeison Giovani Heiler	Jaraguá do Sul
Dinovaldo Gilioli	Florianópolis
Demétrios Galvão	Teresina
Joseani Netto	Santos Dumont

APOIADORES são assinantes do RelevO que nos auxiliam na divisão de custos da distribuição, levando o nosso periódico até cidades onde as nossas mãos não alcançam.

Três acontecimentos

OMBUDSMAN – Gisele Barão

Ter uma obra recusada por uma editora ou mal avaliada por um crítico não deveria ser desestímulo para autores. A parcela de escritores bem-sucedidos (use a definição que preferir para este termo) que foi descoberta milagrosamente por grandes editoras ou especialistas é muito pequena. Quem acompanha publicações literárias com frequência, por exemplo, consegue notar a preferência destas por determinados estilos: alguns temas e maneiras de contar histórias se repetem, pois as escolhas são também orientadas por critérios pessoais mais do que técnicos, e não há grandes problemas nisso, a princípio. É assim que as coisas são.

Paralelamente, há quem encontre sua própria estratégia para ser notado ou cumprir expectativas de ação no meio literário, e o mês de novembro teve alguns exemplos interessantes. No dia 24, aconteceu em Curitiba a Augusta Publica, uma feira de publicações independentes feitas por mulheres. As produções de várias artistas, escritoras, editoras e designers puderam ser conhecidas pelo público. Essas pessoas não estão em reportagens de grandes jornais, ainda não foram estudadas, poucos conhecem sua rotina extenuante de trabalho e criação. Fora do circuito tradicional, elas criaram outro circuito.

O próprio mercado literário, que é heterogêneo, tem caminhos diferentes para alcançar o público. No dia 11, foi criada no Facebook a página Livrarias de Rua, que divulga informações sobre lojas pequenas, que não integram grandes redes. Em duas semanas, a página já havia apresentado quase 20 dicas, de diferentes estados brasileiros. Qualquer pessoa pode colaborar com sugestões de livrarias que valem a visita.

Leitores também se organizam. Se falta tempo e estímulo para atender à lista de metas de leitura que costumamos fazer e não cumprir, há quem dê um jeito nisso. No início de 2018, um clube de leitura propôs um desafio entre os participantes: todos deveriam concluir *Anna Kariênina*, clássico de Liev Tolstói, até o fim do ano. Mês a mês, eles eram relembrados da meta e compartilhavam seu avanço sobre as páginas. Em novembro, encerraram o desafio com um encontro para trocar impressões sobre a obra. Em uma livraria de rua.

Com esse pequeno noticiário, quero dizer que coisas boas podem acontecer pela literatura mesmo em circunstâncias não tão favoráveis. Sempre haverá quem saiba recitar um poema de memória, presenteie um amigo com o livro de uma pequena editora, assine um jornal literário gratuito ou estimule outras pessoas a ler. É assim que as coisas são.

livros | vinis
Joaquim
Livraria & Sebo
R. Alfredo Bufren, 51
Centro Curitiba-PR
info@joaquimlivraria.com.br fb.com/joaquimlivraria

Domingo – 13h
E-Paraná
AM 630
Estação
Brasil
apres.
Arlindo Magrão

ADVOCACIA
CONSUMIDOR – CÍVEL – FAMÍLIA
CONTRATOS – TRABALHISTA
Bruno César Deschamps Meirinho
OAB/PR 48.641
RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 135, 2º ANDAR, LARGO DA ORDEM,
SÃO FRANCISCO, CURITIBA-PR
(41) 3564 7194 (41) 984 405 050

FISK
CENTRO DE ENSINO
3642-3690 3031-7040
R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR

ALLEJO.COM.BR

Como surgem os palavrões?

Nícolas Teixeira Cabral

Alguns assuntos são considerados sensíveis nas mais diversas culturas. Palavras relacionadas a religião, sexo, algumas partes do corpo e o que sai dessas partes estão entre as mais propensas a se tornarem tabu. Falar sobre morte, algumas doenças e os parentes de alguém também costuma causar aversão. Todos esses assuntos soam naturalmente ofensivos.

Na Medicina, regularmente nós encontramos termos que não são palavrões, mas que causam grande desconforto, principalmente nos pacientes. Câncer, HIV, hemorroida, toque retal. As pessoas evitam, quando podem, utilizar tais palavras, recorrendo a eufemismos ou referências indiretas como "o toque" ou "essa doença". A própria palavra "doença" é um pouco sensível, sendo substituída por "enfermidade" ou "distúrbio" em alguns contextos.

E quando você está *puto* com alguém e tem de fato a intenção de ofender? Você pode amaldiçoá-lo com uma doença terrível, ou desejar-lhe a morte, ou compará-lo a algum órgão ou excrescência humana.

Se as pessoas começam a usar demais essas palavras nesses sentidos, elas passam a ser ofensivas em si mesmas, e não apenas pelo que representam. As próprias palavras tornam-se tabus. Xingamentos. Palavrões.

Por isso, um professor que diz *vagina* no meio de uma aula causará algum estranhamento e desconforto, mas muito menos do que se dissesse *boceta,* apesar de ambos os termos representarem a mesma coisa.

Grosseiramente, o ciclo da vida de um palavrão é: uma palavra normal que representa algo sensível (como falamos no primeiro parágrafo); o uso dessa palavra em contextos mais vulgares ou ofensivos; a vulgarização da própria palavra e a recusa em dizê-la em contextos mais sérios.

Em vez de ser uma palavra normal que representa algo sensível, o futuro palavrão também pode ser uma palavra normal que representa algo normal (o filhote da galinha, p. ex.), cujo significado é transmitido a algo sensível (o órgão sexual masculino), já em contexto vulgar.

Hoje, *pinto* não é "o filhote da galinha", *boceta* não é uma "caixinha redonda ou oval usada para guardar pequenos objetos" e *trepar* não é "subir agarrando-se com os pés e as mãos". Ao menos não na maioria das vezes.

Essa forma de gerar um palavrão muitas vezes decorre da própria recusa em utilizar um termo chulo para descrever algo sensível. Um escritor que usa mastro, membro ou ferramenta como metáfora para o órgão sexual masculino pela primeira vez, na recusa de usar *pênis* ou *caralho*, planta a semente do que pode vir a ser um palavrão.

Se a palavra terá sucesso no mundo da vulgaridade (como *pinto*, *pau*, *boceta* ou *cu*) depende de vários fatores, incluindo a influência social de quem disse, tempo e pura sorte, e até mesmo as características fonéticas da palavra.

No português, para os substantivos chulos, gostamos de palavras curtas (geralmente de duas sílabas, menos comumente de três ou apenas uma), paroxítonas, terminadas "o", se do gênero masculino, ou "a", se do feminino: *puta, pinto, pica, merda, mijo, porra, foda, bosta* etc.

> [...] *dezmierdare*, que significa algo como "demonstrar carinho". A princípio, [...] tinha o sentido de "limpar o ânus de fezes", o que foi associado a pais cuidando de seus bebês, o que levou à associação com cuidado e carinho.

Alguns palavrões têm um longo

caminho na obscenidade. O termo *cu*, por exemplo, já era usado em latim (*culus*) para se referir ao ânus de forma mais ou menos vulgar. De *culus*, além de *cu*, temos o francês *cul*, o italiano *culo* e o espanhol *culo*, todos de certa forma vulgares. *Ânus*, por outro lado, era uma palavra formal para se referir à abertura caudal do trato digestivo no latim; seu significado original, porém, era *anel*. Hoje, em português, podemos usar *anel* para nos referir a *ânus,* informalmente.

Outra palavra antiga é *merda*, que do latim passou para o português e o italiano como *merda*, para o francês como *merde* e para o espanhol como *mierda*, sempre significando fezes. Muitíssimo curiosamente, deu origem ao verbo romeno *dezmierdare*, que significa algo como "demonstrar carinho". A princípio, *dezmierdare* tinha o sentido de "limpar o ânus de fezes", o que foi associado a pais cuidando de seus bebês, o que levou à associação com cuidado e carinho.

Outras obscenidades latinas que sobrevivem nos idiomas românicos incluem *mingere* e *meiere* (*mijar, mear*), *cacare* (*cagar*) e *futuere* (*foder, follar, foutre, fottere*).

Alguns objetos têm maior tendência a serem usados para representar obscenidades em diferentes culturas, de forma aparentemente independente. *Cock*, inglês para galo, representa *pênis*, de forma semelhante a *pinto*. *Bitch*, inglês para *cadela*, é usado para se referir a mulheres de forma pejorativa, como *cachorra* em português. *Pussy*, inglês para *gata*, é usada para se referir a *vagina*, assim como *chatte*, em francês, e *xana*, em português.

E é mais ou menos assim que palavras inocentes tornam-se palavrões.

***

Nesta estrofe de um poema galego-português do século 13, uma cantiga de escárnio e maldizer do cancioneiro João Soares Coelho, podemos ver o verbo *foder* e também o termo *pissuça*, derivado de *pissa*, que significa *pênis*:

Deu-mi o Demo esta pissuça cativa,
que ja non pode sol cospir a saíva
e, de pran, semelha máis morta ca viva,
e, se lh'ardess'a casa, non s'ergería.
Par Deus, Luzía Sánchez, Dona Luzía,
se eu foder-vos podesse, foder-vos-ía.

Rafael F. Carvalho

Poemas publicados em *Bambuzal*, editora Moinhos, 2017

Quando a Lua nasce
por cima de minha casa
o telhado tem cor de passado.

Minha cama é feita
de palhas de arroz. Plantar
tem outras intenções.

Só as crianças
fazem leite de arroz:
a velhice é bruta.

Coragem da cor do nanquim (pt 1)

MAIDAN – Ben-Hur Demeneck

2018 foi um ano de graça para Marcelo D´Salete e o que ele representa como quadrinista e intelectual negro. Em julho, ganhou o prêmio Eisner pela versão norte-americana de *Cumbe* (Veneta, 2014); em novembro, venceu o prêmio Jabuti em HQ por *Angola Janga* (Veneta, 2017) e teve exposição no Museu Afro Brasil intitulada "*Marcelo D´Salete - A história negra em quadrinhos*", aberta de 20 de novembro de 2018 a fevereiro de 2019.

Bastaria vencer um Jabuti para se consagrar. Mas a vitória de D´Salete está em espalhar o seu conhecimento acumulado em tanta pesquisa - *Angola Janga* levou mais de dez anos de pesquisa e produção. Em setembro, *Cumbe* e *Angola Janga* haviam sido selecionados pelo Plano Nacional do Livro Didático Literário (PNLD Literário) e serão adotados em 2019 em escolas públicas de Ensino Médio de todo o Brasil, na esteira no ensino de cultura afro-brasileira e africana (Lei 10.639/2003).

Às mais de 400 páginas em quadrinhos de *Angola Janga* somam-se glossário de termos, cronologia e mapas. No quadrinho, mais de trinta personagens personificam a história e o drama de figuras históricas como Zumbi e Ganga-Zumba. Parte da paisagem do livro se inspirou em sua visita à Serra da Barriga, região onde ficou o principal mocambo [quilombo] de Palmares. Vale lembrar que o coletivo de habitantes chegou a reunir cerca 20 mil habitantes por volta de 1650.

Angola Janga também ganhou no Troféu HQMIX 2018 nas categorias Desenhista nacional, Roteirista nacional, Destaque internacional e Edição especial nacional. Há um ano, D´Salete conversou com essa coluna do **RelevO**. Na ocasião, o tema foram as ilustrações para o livro de contos, *O carro do êxito*, de Oswaldo Camargo. Um Oswaldo de Camargo ilustrado (dez. 2017, n.5, a.8, p. 8-9).

A seguinte entrevista foi feita por envio de perguntas via e-mail e foram respondidas em áudio, durante novembro de 2018. As respostas resultam da transcrição do áudio. O **RelevO** publica a entrevista em duas partes; a próxima circula em janeiro de 2019. Vamos, pois, conhecer o mundo de *Angola Janga*, a "pequena Angola", um dos modos pelo qual Palmares era conhecido.

No texto "Picadas e sonhos", ao final de Angola Janga, e em palestra que fez na Bienal de Quadrinhos de Curitiba, você relembra uma reação de espanto de uma colega de escola diante do seu desconhecimento do significado do 20 de novembro, Dia da Consciência Negra. Você pode recuperar aquela cena e por que ela o marcou tanto?

Em 1988, eu deveria estar no segundo ano do Ensino Fundamental quando ouvi de uma colega sobre a relação entre o Quilombo dos Palmares e o Dia da Consciência Negra. E foi algo muito simbólico porque era ano do Centenário da Abolição e eu nunca tinha ouvido aquilo dos professores. Aliás, passei toda a minha vida escolar sem ouvir aquela história pela "via oficial", vamos dizer assim. Ela só me apareceu de uma

forma muito marginal, por alunos. Isso é algo sintomático, não é? Essa história [a do Quilombo de Palmares], até pouco tempo atrás, não estava em nosso currículo. Não estava nos bancos escolares ou não estava pautada como parte da nossa história [alusão à Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório

o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira na Rede de Ensino]. É capaz que na última década tenha havido alguma mudança, ao menos em alguns espaços escolares, principalmente nas capitais. Mas, com certeza, esse ensino ainda não é feito de modo uniforme, não está na maioria das escolas, embora seja uma história que mereça ser conhecida e desbravada. Palmares apresenta a busca por autonomia de milhares de pessoas lá na Serra da Barriga [o ponto de referência atual é o município de União dos Palmares, em Alagoas], no século 17, localizado na antiga capitania de Pernambuco, que rivalizou totalmente com o poder colonial. Merece ser conhecida também pelo número de pessoas que havia lá – temos projeções de que poderiam ser mais de 20 mil pessoas.

Por que você considera um curso de História do Brasil feito com Petrônio Domingues [autor dos livros A nova abolição (Selo Negro, 2008) e Uma história não contada (Editora Senac, 2004)] tão importante para a criação de Angola Janga? Quais orientações daquele professor lhe levaram a desbravar aquele sertão brasileiro como um mundo à parte?

Em 2004, fiz um curso com o Petrônio Domingues sobre História do Brasil enfocando principalmente a trajetória da população negra no Brasil. A turma lia textos sobre Palmares, sobre Abdias do Nascimento [intelectual e artista negro, um dos principais ativistas dos direitos civis e humanos das populações negras; 1914-2011], sobre a Frente Negra Brasileira [a FNB foi fundada em 16 de Setembro de 1931], sobre o processo de Abolição, entre outros assuntos. E o texto sobre Palmares talvez tenha sido o que mais me marcou; justamente por seu ineditismo, considerando minha trajetória particular. A minha família não era de militantes do movimento negro. Eu encontrei essas narrativas e essa perspectiva muito depois, já na adolescência e no início da vida universitária. Foi aí que eu me deparei realmente com discussões feitas a partir de grupos que estavam discutindo a questão negra a fundo. Até então, não. E, naquele momento, em 2004, eu projetei que queria fazer uma história em quadrinhos sobre Palmares.

[Mais de uma década pesquisando Palmares]

Não imaginava, de forma alguma, que a produção da HQ sobre Palmares iria demorar onze anos. Fui fazendo pesquisa de um modo atento a cada um dos detalhes com os quais me defrontava. Pesquisei muito no Museu Afro Brasil [www.museuafrobrasil.org.br], localizado aqui em São Paulo, que tem uma biblioteca enorme não somente a respeito do Brasil Colonial e da escravidão, mas também dos traços culturais dos africanos que vieram para cá. Lembrando que meu objetivo maior dentro dessa narrativa era trazer o protagonismo desses grupos dentro de sua humanidade, de sua capacidade em se reconstituírem após passarem por processo doloroso de deslocamento pelos navios negreiros e pela experiência da escravidão. Ainda assim, eles criaram um espaço que, ao que tudo indica, era muito diferente do que havia dentro das colônias e vilas. Não podemos esquecer que havia milhares de pessoas fugindo para Palmares e, até hoje, não conhecemos caso de alguém que tenha saído de Palmares para voltar às colônias. Ou seja, havia algo especial em Palmares que fazia com que valesse a pena para essas milhares de pessoas irem e permanecerem por lá. O livro tenta reconstruir o espaço e a força daqueles mocambos situados na Serra da Barriga [o termo mocambo "foi usado pelas autoridades até o século 17, depois foi substituído por quilombo", esclarece D´Salete no glossário de *Angola Janga*]. Foi algo realmente muito especial na nossa história.

A segunda e a terceira capas de Angola Janga reúnem 27 personagens que aparecem ao longo do livro. Como decidiu pela fisionomia, roupas, adereços e penteados desses personagens?

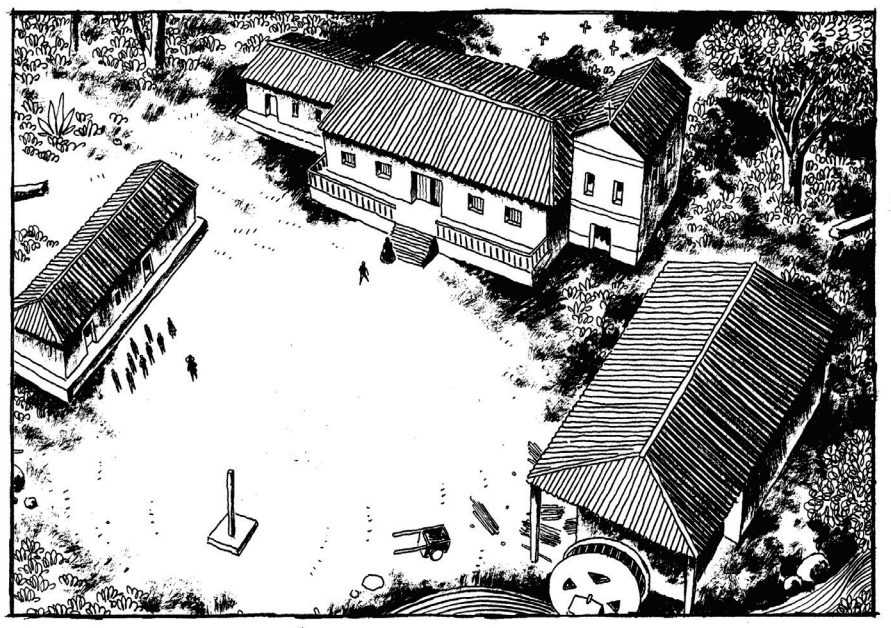
A visualidade de *Angola Janga* partiu da análise de artistas, como Albert Eckhout e Frans Post [pintores convidados por Maurício de Nassau para integrar missão artística na "Nova Holanda" nas décadas de 1630 e 1640] e outros mais recentes, caso de Jean-Baptiste Debret [pintor e desenhista da Missão Artística Francesa de 1817] e de Johann Moritz Rugendas [desenhista e pintor da missão do barão de Georg Heinrich von Langsdorff, que permaneceu no Brasil de 1822 a 1825]. Também me baseei em fotos de grupos étnicos da região nordeste de Angola e em elementos como os *sonas* [um *sona* é um conjunto de símbolos de origem *tchokwe*; esses desenhos são formados por pontos e linhas sinuosas realizadas na areia e acompanhadas por narrativas orais]. Eu tentei aproximar os personagens dessas referências, desde que fosse interessante para [compor] as características daquele personagem.

[Evitei o desenho típico do quadrinho de super-herói]

O fato de o Ganga Zumba [primeiro chefe supremo de que se tem registro em Palmares pelos idos de 1670] aparecer como um cara negro, alto e forte está relacionado com a condição de ele ser uma liderança importante em Palmares, mas também por uma escolha estética. Do mesmo modo, tentei mostrar Zumbi como uma figura não muito idealizada. A proposta foi me afastar de representações de heróis sem defeitos e problemas. Não era essa minha proposta. Queria fugir disso. A ideia era mostrar Zumbi como um personagem perspicaz e atento ao seu contexto e aos desafios na liderança dos mocambos de Palmares.

A ENTREVISTA CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO.

Saiba como Marcelo D´Salete construiu o personagem Soares, considerado pela historiografia o "traidor" de Palmares, e a sábia Acotirene. Saiba por que o quadrinista optou pela ficção junto da documentação histórica para falar de Palmares e como sua visita à Serra da Barriga influenciou seu trabalho final. Por fim, ele faz um balanço de 2018 e projeta o que será o 2019 para os artistas brasileiros.



Mesmo o pôquer *cash game* não deve ser considerado ilegal

Felipe Américo Moraes

O fato é de receio de qualquer jogador de pôquer; seja amador; seja profissional: a entrada de policiais em meio a um jogo de pôquer, dando voz de prisão e levando consigo, além do material destinado ao jogo, os jogadores. Foi o que aconteceu com 16 pessoas que estavam participando de um campeonato em um hotel, na cidade de Curitiba. Segundo a autoridade policial, os jogadores "trocavam dinheiro por fichas e apostavam em mesa em jogo de azar".

O jogo era *Texas Hold'em*. No local, por mais absurdo que possa soar, ocorria um campeonato; não *cash game*. O que se entende comumente é que há uma distinção legal entre campeonatos (que ocorrem livremente no território nacional) e os jogos *cash game* (que seriam vedados). Apesar de não haver entendimento unificado sobre o tema, é importante relatar que há decisões dos Tribunais afirmando que o jogo de pôquer não é *jogo de azar* e, consequentemente, nem a modalidade *cash game* poderia ser considerada ilegal.

Em síntese, há três possibilidades de jogo em nosso ordenamento jurídico: jogos permitidos, tolerados e proibidos. Permitidos são aqueles que possuem legislação regulamentadora, como o caso da *loteria*. Proibidos, são aqueles que se enquadram na Lei de Contravenções Penais, consistente em *estabelecer* ou *explorar jogo de azar em lugar público ou acessível ao público, mediante pagamento de entrada ou sem ele*; em complementação, a lei estabelece que o jogo de azar é aquele "*em que o ganho e a perda dependem exclusivamente ou principalmente da sorte*" (art. 50, §3º, a, da LCP). Tolerados são aqueles que não se enquadram em nenhuma das duas situações.

Ocorre que, como de notório conhecimento de todo jogador (mas não de toda autoridade que se manifesta sobre o assunto), pôquer não é jogo que *depende* (seja exclusivamente; seja principalmente) de *sorte*. E isso não é suposição. Foi objeto de pesquisa.

Estudo elaborado pela empresa Cigital[1], ao examinar aproximadamente 103 milhões de mãos de pôquer (*Texas Hold'em*), concluiu que mais de 75% dos casos as rodadas são definidas por decisões dos jogadores antes da abertura das cartas da mesa (antes do *flop, turn* ou *river*), com o abandono antecipado, motivado pelo cálculo de probabilidade feito pelo jogador. Outro dado constatado é que na metade dos jogos em que eram exibidas todas as cartas, os jogadores que ganhavam a partida possuíam sequência de cartas piores daqueles que já haviam desistido.

Outro estudo relevante (realizado por Michael Dedonno e Douglas Detterman[2]) teve a mesma conclusão, o qual fora conduzido da seguinte forma: após 100 rodadas em que os participantes conheciam tão somente as regras do jogo, metade deles foram instruídos com estratégias eficientes no pôquer, enquanto a outra metade recebeu somente informações sobre a *história do jogo*. O resultado é que o grupo que recebeu informações com as estratégias teve notável vantagem sobre os demais, sendo que a conclusão deles (em tradução livre) é que "sem dúvidas, o pôquer é um jogo de habilidade". Não por razão diferente que sempre se nota os mesmos jogadores nas finais de campeonatos mundiais. As cartas recebidas pelos jogadores não são tão relevantes, logicamente, quanto sua habilidade. Impossível afirmar que o jogo dependa *exclusivamente* ou *principalmente* de sorte. A parcela de sorte é mínima.

A mesma conclusão foi a do Instituto de Criminalística de São Paulo, que fez a seguinte afirmativa em Parecer Técnico: "trata-se de um jogo de habilidade, pois ficou constatado que a habilidade do jogador que participa desta modalidade de jogo depende da memorização, das características (número e cor) das figuras apresentadas no decorrer do jogo e do conhecimento das regras e estratégia de atuação em função destes fatores"[3].

Quanto ao caso narrado no início, o Ministério Público, inicialmente sem conhecimento do tema, deu seguimento ao processo, mas ofereceu transação penal[4] para todos as pessoas presas naquela data. Apesar de injusto o processo, os jogadores, temendo o risco de se depararem com um julgador que, igualmente, não compreenda o jogo, optaram por aceitar a transação mesmo não concordando com isso. Mas, no caso, um dos jogadores não fazia *jus* ao benefício, de modo que, quanto a ele, o processo teve seguimento. Com notável felicidade, após serem esclarecidos todos os fatos acima, o mesmo promotor afirmou ter mudado seu entendimento, afirmando que: "não obstante eu já tenha, em outras oportunidades e inclusive neste próprio procedimento, oferecido transação penal e denúncia por crime de *jogo de azar* praticado na modalidade de pôquer, mudei de entendimento", e concluiu que "o jogo de pôquer não depende de *exclusiva* ou *principalmente* da sorte, conforme exige o tipo penal de jogo de azar. Com efeito, a sorte apenas influi no jogo no momento da distribuição das cartas, sendo que, após, as apostas são determinadas pela habilidade do jogador, o qual pode se utilizar de blefe, lógica e estratégia para ler o comportamento de outros jogadores, bem como convencê-los acerca do valor fictício de suas cartas". Com essa justificativa, o promotor do caso pediu o arquivamento do feito.

Apesar desse caso se tratar de partida de pôquer em campeonato, a decisão de arquivamento não se deu por esse fato, mas pelo fato reconhecimento do Ministério Público de que pôquer não é *jogo de azar*, o que também permite a aplicação ao jogo na modalidade *cash game*. Evidentemente, não tem o presente artigo a intenção de fomentar e garantir aos jogadores a absoluta legalidade dessa modalidade de jogo, eis que é possível haver autoridades (seja policiais; seja judiciárias) que, agindo com evidente desconhecimento sobre o assunto, acreditem se tratar de jogo de azar. O que visa é esclarecer que há base legal para afirmar que, mesmo o pôquer *cash game*, deve ser considerado como legal e, com sucessivos embates nos Tribunais, é possível que esse entendimento seja unânime, permitindo que essa modalidade seja praticada livremente.

[1] Estudo realizado pelos técnicos Paco Hope e Sean MacCulloch, o qual afirmaram que "*It is clear from there numbers that, at least in sampled data, the majority of games are determinated by something other than the value of card, since no player reveals any card to determine the winner. Only rarely (about 12% of all hands) does the player who can make the best 5-card hand go all the way do showdown and win*".

[2] Dedonno, Michael A., e Detterman Douglas K., Poker is a skill, na revista *Gaming law review*, vol. 12, nº 1, 2008, Mary Ann Liebert, inc., p. 31 e seguintes.

[3] Laudo nº 01/020/0058872/2.006, assinado pelos peritos William Amaral e Karla Horti Freitas.

[4] "Acordo" firmado diretamente com o Ministério Público para extinguir o processo que, se aceita, apesar de não configurar admissão de culpa, impede a pessoa de aceitar outra idêntica nos próximos 5 (cinco) anos.

12º ROUND

Rafael Gobbo

Do livro *Pancadas* (ed. Viseu, 2017)

"*Ever tried. Ever failed. No matter. Try Again. Fail again. Fail better.*"
— Samuel Beckett

José Aguerrido de Oliveira caiu pela terceira vez. Sua visão estava comprometida e embaçada. Três malditas quedas em menos de vinte minutos. Não era nada bom, nem um pouco!

Suas pernas e braços já exaustos, no entanto ainda tinha o controle. O vigor e o bom condicionamento físico da mocidade já se foram há muito. O corpo inteiro dolorido. Lutar aos quarenta e oito anos é burrice, pensava. Mas fazer o quê? A necessidade era grande, se impunha. Boxeador: era só o que sabia ser. Seus ídolos: Muhammad Ali, Mike Tyson, Éder Jofre e Popó Freitas. Fazia parte da estatística social brasileira: era um negro corpulento, de um metro e oitenta e dois, que crescera em uma família pobre. Não teve incentivos e nem se interessou por estudar. Mas sabia bater, isso sabia. A hipoteca da casa atrasada dois meses, contas e mais contas a vencer. Não tinha jeito. Receber murros para se sustentar era algo que já fazia há muitos anos, talvez aguentasse mais um. Era o que esperava.

Estavam no décimo primeiro assalto, e o adversário, apesar de ostentar a força e a disposição da juventude, não sabia se poupar. Chegara muito afoito no começo da luta e mostrava sinais de cansaço. Já vira muitos fazerem isso, inclusive ele mesmo, quase trinta anos atrás. Sabia que o mais importante era manter-se em pé e se movimentar, aproveitando todas as dimensões do ringue. Mesmo para o perdedor, a quantia a ser embolsada era razoável, mas não poderia ser derrotado antes do último assalto, o décimo segundo, ou perderia muito dinheiro.

Jab, direto; jab, jab, direto; gancho, cruzado. Droga, pugilar com fome é foda! José nem viu de onde veio a pancada. No queixo. Bem no meio da porra do queixo! Não ambicionava muito, só não queria cair mais uma vez antes do último assalto, não aguentaria mais uma queda. A visão se fechou. Enquanto perdia os sentidos, anestesiado pelo golpe, indo em direção à lona, fez um instantâneo balanço de sua vida até agora: teve dois casamentos fracassados, foi pai ausente, e aguardava a iminente ordem de despejo que viria. Que merda, ia beijar o chão!

O som do corpo ao atingir o solo foi duro e seco. Um. Que bom, não perdi a consciência. Dois. Abra os olhos e pisque algumas vezes. Três. Preciso levantar. Quatro. Essa carcaça velha parece chumbo de tão pesada. Cinco. Isso, um pé de cada vez. Seis. Suba firme e devagar. Sete. Já enxergo melhor. Oito. Estou de pé, vejam, estou de pé! O juiz o avaliou minuciosamente com seu olhar inquisidor e contraiu levemente o rosto, esboçando o que parecia ser um sorriso, quase imperceptível, e deu prosseguimento ao combate.

Os últimos segundos do assalto passaram voando. O gongo tocou. José nem lembra como foi o décimo segundo. Perdeu por unanimidade, mas não por nocaute. Parte do orgulho ainda estava intacto. Tinha aguentado!

No caminho de volta pra casa, a pé (precisava de cada centavo que ganhou e não iria desperdiçá-los com ônibus ou metrô), José divagava. O rosto todo fodido e inchado, as pernas latejando de cansaço, as juntas das mãos inflamadas, nada disso matava o tiquinho de esperança e a sensação de dever cumprido. Almejava sua cama e o sono merecido, mas não conseguiria dormir de uma vez, estava feliz!

Depois de passar por vários cruzamentos, avenidas e ruelas, estava a quarteirões do apartamento onde morava, localizado num prédio velho, sujo e malcuidado, quase caindo aos pedaços, no centro da cidade. Mais um entre tantos outros edifícios da vizinhança. Há anos, desde que saiu da liga profissional por chegar aos quarenta anos e aceitou participar de lutas clandestinas, José faz o mesmo trajeto de volta pra casa após trocar socos. Ao subir na calçada já tão familiar, a uma esquina de sua paupérrima e decadente residência, se perguntava: Será que consigo alguma luta semana que vem?

CONSULTORIA EMPRESARIAL EM RELEVO *apresenta*

Como solucionar definitivamen todo o sempre, a crise de certa livrarias (que te amam muito, l

Bom dia, leitor!

Gerenciar crise nunca é fácil. Principalmente quando ela chega lá em cima e não tem BNDES para salvar a sua bunda.

Meu nome é Valquíria Friezza, sou consultora. Tenho MBA em gerenciamento de crise e curso de guarda-vidas. Já impedi um incêndio na Mondelez e fiz mais de três treinadores do Flamengo perderem o emprego. Meus clientes? Cambridge Analytica, Kevin Spacey, Pedrão Auto Peças.

Se você teme que sua rede de livrarias corre perigo, precisamos ter uma conversa séria. Na minha primeira coluna, trago estratégias para driblar incompetências de gestão, isto é, incoerências do mercado. Afinal, não é porque você achou que fosse crescer que o planeta tem o direito de simplesmente te encolher, não é mesmo? Aqui vão dez passos essenciais para a sua volta por cima.

1 Vamos começar com conceitos. Crise: não fale essa palavra, mas a dissemine. Se você não transformar tudo em lama, quem é que vai acreditar que está no pântano?

2 Dando sequência à etapa 1, terceirize sua crise. É impossível que a sua rede de livrarias esteja em crise: toda a leitura está em crise. Trata-se de um problema cultural, uma saraivada de horrores em um país que...

3 ...não lê! É isso mesmo. Quem pode ser responsável pela crise em sua extensa rede de livrarias senão os leitores? Não confie em números quando você tem uma moral tão elevada.

4 Engula as pequenas livrarias. Destrua-as uma a uma. Penetre os porões de cada uma delas. Foda, foda e foda! Ah… às vezes a gente se excede.

5 Por outro lado, não assuma livrarias de redes francesas. Nem de graça. Nem se te pagarem. Dá azar (eles acabam ganhando a Copa).

nte, para
as redes de
eitor)

6 Expanda. Não interessa como. Não interessa por quê. Quem vai pagar? Não interessa. "Quem fecha lojas fecha oportunidades" Bill Kotler Einstein, 1904.

7 Nikão pega a bola na direita; corta para a esquerda; dribla um adversário; adianta a bola, que rola sem seu consentimento – olha o tamanho da perna do Nikão! Ele tem bigode! Ele volta pra marcar! Ele faz gols improváveis! Contrate o Nikão para negociar com os fornecedores.

8 É hora de pôr a boca na piroca sem ser pego com a boca na botija. Reúna seus amigos empresários e, em nome da cultura nacional, quebre os recordes de felação por deputado. Controle de preços e demais recursos a que vocês têm direito serão vitais para democratizar esse cenário tão desigual. Quem sabe você ainda não colhe alguma coisa do BND-*EX machina*.

9 Destrua a "Floresta" "Amazônica", se é que me "entende".

10 Mantenha-se firme na moralização *post mortem*, regule os preços para todos – principalmente se você já recebeu dinheiro estatal para expandir – e mantenha as seguintes prioridades: vender eletrônicos (pecado algum) e arrombar escritores ingênuos em dias de lançamento (idem). Orgulhe-se das taxas pornográficas de participação nas vendas, fazendo cagada atrás de cagada e culpando um mercado que renasceu entre lojas muito menores que a sua, sem influência política — e humildes o suficiente para não repetir as suas cagadas.

É isso, colega leitor. Espero que você passe por uma ótima recuperação: seguindo meus passos, você não terá problemas. Afinal, quem poderia oferecer consultoria empresarial com mais eficiência do que um jornal fodido de papel?

Um ótimo 2019 para todos nós!

Guimarães Rosa, observador literário

Guilherme Mazzafera

Publicado originalmente no *Letras in.verso e re.verso*

Em uma importante carta para seu tio Vicente Guimarães, datada de 11 maio de 1947, Guimarães Rosa traça um detalhado e combativo diagnóstico da literatura brasileira de então, identificando uma série de problemas graves – sobretudo de ordem técnica – e esboçando soluções possíveis que adquirem, no teor de sua escrita, a dimensão de um posicionamento estético-político.

Em seu contexto específico, a carta responde às críticas do tio à recém-publicada "crônica-fantasia" de Rosa, "Histórias de fadas", mas seu interesse se espraia na formulação de uma tese, considerada vital, sobre a literatura e cultura brasileiras. Elaborada por "dever de artista" e como resposta a um estado de coisas determinado, a carta alterna proposições teóricas e comprovações empíricas de sua eficácia a partir de uma seleção de excertos críticos sobre *Sagarana*. De modo muito diverso de outras manifestações do escritor sobre o próprio ofício, a linguagem da carta não assume tons opacos nem feições abstratizantes, mas dá nome aos bois literários que se refestelam nos lugares-comuns (prontamente elididos pelo tio ao ofertar a carta ao público) e delineia sem meias palavras o estado da arte literária no país naquele momento:

> *A língua portuguesa, aqui no Brasil, está uma vergonha e uma miséria. […] Empobrecimento de vocabulário, rigidez de fórmulas e formas, estratificação de lugares-comuns, como caroços num angu ralo, vulgaridade, falta do sentido de beleza, deficiência representativa. É preciso distendê-la, destorcê-la, obrigá-la a fazer ginástica, desenvolver-lhe músculos. Dar-lhe precisão, exatidão, agudeza, plasticidade, calado, motores. E é preciso refundi-la no tacho, mexendo muitas horas. Derretê-la, e trabalhá-la, em estado líquido e gasoso.* (GUIMARÃES, 2006, p. 138)

Diante de uma situação desalentadora, que constitui um "Longo e infeliz período de relaxamento, de avacalhação da língua, de desprestígio do estilo, de primitivismo fácil e de mau gosto" (p. 133-4), Rosa propõe um trabalho minucioso e material de linguagem, consciente de que, a partir daquele momento, "Toda arte [...] terá de ser, mais e mais, construção literária". (p. 133)

Em contraposição aos problemas apontados, o escritor vislumbra a emergência de uma "virada" pressentida tanto na literatura quanto na crítica. Esta, encampada pelos melhores nomes de uma nova geração (Antonio Candido, Lauro Escorel, Almeida Salles e o já então consagrado Álvaro Lins), tem apontado progressivamente a "mudança de direção na literatura de melhor classe", culminando em palavras de ordem: "construção, aprofundamento, elaboração cuidada e dolorosa da 'matéria-prima' que a inspiração fornece, artesanato!" (p. 134).

Atuando no cerne de um programa estético sempre negado, está a noção, emprestada de Aurélio Buarque de Holanda, de que o único programa digno de um escritor é o de "elevar o gosto do povo" (p. 135). Tal medida se contrapõe à atitude de escritores despreparados e preguiçosos que têm medo de que seus leitores se "tornem mais exigentes" e encontra anteparo, por exemplo, na crítica de Álvaro Lins, que destaca que a busca de um escritor em comunicar-se com seu leitor não deve nunca ceder à tentação de simplificar, abandonando técnica e estilo, mas, pelo contrário, "Parece certo [...] que o meio mais honroso de fazer o povo participar da arte – é o de levar o povo até onde se encontra a arte." (LINS, 1946, p. 118).

> [...] a busca de um escritor em comunicar-se com seu leitor não deve nunca ceder à tentação de simplificar, abandonando técnica e estilo, mas, pelo contrário, "Parece certo [...] que o meio mais honroso de fazer o povo participar da arte – é o de levar o povo até onde se encontra a arte."

Responder a estas contingências por meio de uma consciência técnica apurada torna-se uma necessidade premente do contexto, assumindo tons bélicos de confronto com um presente específico e que se eleva ao alcance de uma convocação geral que teria, em seu horizonte, o anseio de reabilitar a arte: "Quem pode, deve preparar-se, armar-se, e lutar contra esse estado de coisas. É uma revolução branca, uma série de golpes de estado" (GUIMARÃES, p. 138). Nesse sentido, Rosa esclarece que a valorização da construção literária não é um dado concebido aprioristicamente, mas uma exigência do próprio tempo histórico:

> *Agora, porém, a hora é de combate, de ofensiva. Tudo está mudando, seo Vicente. Não retornaremos ao verbalismo inflacionado e oco de Coelho Neto, não repetiremos o coelhonetismo […] Não se trata de um movimento intencional, artificialmente concebido. É, apenas, a voz dos tempos. Você acha que é por coincidência pura e simples, ocasional, que estão surgindo por toda parte, autores novos, falando em outro tom, e que os velhos, os melhores deles, começam a querer mudar de trote e acertar passo? "Arte é artifício", brada Graciliano Ramos.* (GUIMARÃES, 2006, p. 134)

Centro aglutinador da carta, o excerto é iniciado pela marca do presente imediato ("agora") e indica a necessidade de confronto, animado por uma linguagem beligerante que permeia toda a missiva, contra uma tradição já caduca, decadente, mas que ainda influi. A reação a este estado de coisas, entretanto, não se dá por manifestos programáticos, "artificialmente" concebidos, mas como demanda presente do tempo

histórico, alicerçada na lição exemplar do mestre da geração anterior, cujos melhores representantes acertam o passo na direção dos novos, irmanados pela compreensão essencial de que "Arte é artifício".

A percepção de uma crise na língua e literatura brasileiras e a necessidade de enfrentá-la a partir do preparo técnico não são exclusividades de Rosa, mas permeiam vasta gama de textos de grandes nomes da crítica e da criação literária do período. Como exemplo de um percurso possível, tomemos a *Decadência do romance brasileiro* (Graciliano Ramos), em que se destaca a necessidade de conhecimento íntimo da matéria romanesca por parte do escritor; passemos pela *Elegia de abril* (Mário de Andrade) e sua defesa da "consciência técnica do artista"; e dediquemos algum tempo à crítica de rodapé de Álvaro Lins, que vislumbra uma crise (ou decadência) mais profunda, confrontada unicamente por casos de exceção e que assume feições graves no caso do romance, forma que se mostrava incapaz de escapar de um círculo vicioso de tendências já incorporadas à literatura nacional por volta de 1940.

No entanto, as ideias de Rosa parecem encontrar identidade mais profunda com o pensamento de Sérgio Buarque de Holanda em sua atuação como crítico literário. Em ensaios por volta de 1950, Sérgio delineia uma crise mais específica, caracterizada pela diminuição da importância da prosa romanesca em contraposição à emergência do poético e do interesse por seus procedimentos compositivos:

> *A dedicação à poesia e aos problemas da poesia, entre as novas gerações de escritores brasileiros, parece associar-se a um declínio de prestígio da prosa de ficção, sobretudo do romance, que nos anos 30 tendia, quase sem contraste, a dominar o panorama literário. As preocupações formais e técnicas, que repentinamente empolgaram aquelas gerações; a nostalgia de antigas e perdidas disciplinas, que o longo desuso pôde reabilitar; a vontade, finalmente, de construir um mundo pessoal, que libertasse de realidades cada vez mais ásperas ou prosaicas, explicariam em grande parte essa verdadeira inflação poética.* (HOLANDA, 2010, p. 207)

Pensando historicamente, o crítico constata que se o Primeiro Modernismo operou uma verdadeira "revolução poética" que alterou "forma e fundo" e tornou tributários até seus detratores, "nada realizou de comparável nos domínios da prosa de ficção." (p. 208) Em âmbito mais específico, a partir da análise da prosa de Oswald de Andrade e Clarice Lispector, Sérgio formula uma hipótese que, partindo dos exemplos malogrados em estudo, poderia ser uma saída possível diante do travamento da prosa brasileira: "uma consideração mais atenta daqueles problemas que têm sido, até aqui, sobretudo o apanágio da poesia: problemas de técnica" (p. 208-9)

O interesse pela técnica se opõe à primazia do tema na apreciação e composição da maior parte da prosa do período, seja regionalista ou intimista, que valorizava o "*material* da novela" ao invés da "capacidade de organizar este material numa unidade artística independente e coerente" (p. 210) por parte do escritor. Pensando especificamente nos escritores regionalistas da geração de 30, Sérgio destaca uma espécie de excesso de "romanesco" que, ao tornar o assunto demasiado sugestivo, seria suficiente para suprir qualquer necessidade de "artifício" na composição dos romances, o que, a seu ver, é um problema, pondo em dúvida a capacidade desses escritores em se destacar caso trabalhassem com temas menos estimulantes por si mesmos.

Em face dessas circunstâncias, Sérgio advoga pela busca de uma forma que seja

> *consubstancial à matéria, seja – como em Joyce ou em Proust – pela deliberada superação das técnicas tradicionais, seja, como entre os russos de ontem ou os norte-americanos de hoje, graças à ausência de uma tradição estética absorvente e imperiosa, que se tenha constituído em estorvo para a imaginação criadora* (p.210).

A obtenção de tal técnica "verdadeiramente substancial à matéria" – formulação tirada de Claude-Edmont Magny – converte-se, naquele contexto, em atitude essencial para reparar o equívoco que enaltece o tema no lugar da "arte e engenho do novelista" e, assim, abrir caminho para, em suas palavras, "uma verdadeira reabilitação, entre nós, da arte do romance" (p. 210-11).

Se tivermos em mente a observação certeira de Davi Arrigucci Jr., em sua aproximação entre Rosa e o mexicano Juan Rulfo, sobre a internalização do ponto de vista e sua contiguidade expressiva com os conteúdos a serem articulados, penetração na matéria "que implica algo maior: a experiência histórica incorporada como visão de realidade" (ARRIGUCCI JR., 2010, p.173), fica claro que a busca de Rosa e a de Sérgio muito se assemelham.

Partindo da prática literária vigente na época, Sérgio aponta seus descaminhos, enquanto Rosa dramatiza seus impasses, sobretudo na exploração progressiva do ponto de vista em primeira pessoa em uma narrativa essencial para o desenvolvimento de seu estilo e perspectiva, *Com o vaqueiro Mariano* (1947-48), cujos desdobramentos se fazem sentir em *Meu tio o Iauaretê* (composto inicialmente no final dos anos 1940 e publicado pela primeira vez em 1961) e em seu único romance, *Grande sertão: veredas* (1956). Partilhando o caráter urgente da formação de uma consciência técnica do artista enquanto meio de atingir uma forma consubstancial à matéria que, por sua vez, responde a uma demanda presente – a crise da prosa de ficção para Sérgio, e da língua e cultura brasileiras, para Rosa –, tal aproximação suscita questões sobre em que medida a obra de Rosa pode ter operado a reabilitação da arte do romance entre nós e, se assim foi, cabe indagar as razões que levaram Sérgio, em mais de mil páginas de crítica literária, a não tomar Rosa e sua obra como objeto de análise, restringindo-se a um comentário por demais elogioso: "*nenhum escritor, me deu até hoje, entre brasileiros, a mesma ideia de tratar-se de criação absolutamente genial*" (*Em memória de João Guimarães Rosa,* 1968, p. 97).

Referências:

ARRIGUCCI JR., Davi. Fala sobre Rulfo. In: *O guardador de segredos: ensaios.* São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Em memória de João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

GUIMARÃES, Vicente. *Joãozito: a infância de Guimarães Rosa*. São Paulo: Panda Books, 2006

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra: estudos de crítica literária II (1948-1959)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LINS, Álvaro. *Jornal de crítica*. 4ª série. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.

Lucas Romano

Dois pontos: caminho

Os olhos percorrem o mar
à vista, interrogação:
há na ilha caminho para o corte lívido do prazer
desconhecido?
Os lábios beijam a fruta
na língua, exclamação:
os sabores descobertos são gravados nos sentidos!
As mãos furam a terra
nos dedos, o destino:
junto ao rio ir morar e colher novos sentidos

Se as páginas pudessem ser de pele, não seria preciso descobrir porque goza o poema. Toda especulação em torno da relação entre arte e prazer teria seu fim se nos livros pudéssemos sentir textura e calor de um corpo que escreve em si. No lugar de palavras, braços, pernas abertas, cruzadas, fechadas, que vão saindo obra afora e se confundindo também com o corpo do leitor — alvo da relação que se insinua. No lugar da revelação de um sentido, a produção de uma interminável cadeia de sensações faria o poema acontecer; leitor e poeta exaustos afinal.

Engana-se quem pensa que enquanto lê não está gozando junto, procurando uma posição mais confortável para encontrar seu prazer, mesmo que não exista conforto nenhum no sexual de que é feita a arte. Raro é esse momento da entrega ao desejo do corpo, assim como é rara a manifestação irrefreável do desejo poético. As páginas desse livro não são de pele em sua realidade material, mas a maestria com que o poeta oferece seus versos como partes de corpos inebriados de prazer, faz-nos pensar que sim. A raridade está nas mãos de William Soares dos Santos e na poesia que evoca ao tocar tantas silhuetas, enquanto produz sua arte e transforma em obra-prima um organismo que não para de se contorcer, agora do lado de cá, pronto para entrar em nós e nos deixar, também, desejar a sua entrada.

Morgana Rech

www.editoraurutau.com.br

Poema da infância distante

Noémia Souza

Quando eu nasci na grande casa à beira-mar,
era meio-dia e o sol brilhava sobre o Índico.
Gaivotas pairavam, brancas, doidas de azul.
Os barcos dos pescadores indianos não tinham
regressado ainda
arrastando as redes pejadas.
Na ponte, os gritos dos negros dos botes
chamando as mamanas amolecidas de calor,
de trouxas à cabeça e garotos ranhosos às costas
soavam com um ar longínquo,
longínquo e suspenso na neblina do silêncio.
E nos degraus escaldantes,
mendigo Mufasini dormitava, rodeado de moscas.

Quando eu nasci...
- Eu sei que o ar estava calmo, repousado (disseram-me)
e o sol brilhava sobre o mar.
No meio desta calma fui lançada ao mundo,
já com meu estigma.
E chorei e gritei – nem sei porquê.
Ah, mas pela vida fora,
minhas lágrimas secaram ao lume da revolta.
E o Sol nunca mais brilhou como nos dias primeiros
da minha existência,
embora o cenário brilhante e marítimo da minha
infância,
constantemente calmo como um pântano,
tenha sido quem guiou meus passos adolescentes,
- meu estigma também.
Mais, mais ainda: meus heterogéneos companheiros
de infância.

Meus companheiros de pescarias
por debaixo da ponte,
com anzol de alfinete e linha de guita,
meus amigos esfarrapados de ventres redondos como
cabaças,
companheiros de brincadeiras e correrias
pelos matos e praias da Catembe
unidos todos na maravilhosa descoberta de um ninho
de tutas,
na construção de uma armadilha com nembo,
na caça aos gala-galas e beija-flores,
nas perseguições aos xitambelas sob um sol quente de
Verão...
- Figuras inesquecíveis da minha infância arrapazada,
solta e feliz:
meninos negros e mulatos, brancos e indianos,
filhos da mainata, do padeiro,
do negro do bote, do carpinteiro,
vindos da miséria do Guachene
ou das casas de madeira dos pescadores,
Meninos mimados do posto,
meninos frescalhotes dos guardas-fiscais da
Esquadrilha
- irmanados todos na aventura sempre nova
dos assaltos aos cajueiros das machambas,
no segredo das maçalas mais doces,
companheiros na inquieta sensação do mistério da
"Ilha dos navios perdidos"
- onde nenhum brado fica sem eco.

Ah, meus companheiros acocorados na roda
maravilhada
e boquiaberta de "Karingana wa karingana"
das histórias da cocuana do Maputo,
em crepúsculos negros e terríveis de tempestades
(o vento uivando no telhado de zinco,
o mar ameaçando derrubar as escadas de madeira da
varanda
e casuarinas, gemendo, gemendo,
oh inconsolavelmente gemendo,
acordando medos estranhos, inexplicáveis
das nossas almas cheias de xituculumucumbas
desdentadas
e reis Massingas virados jiboias...)
Ah, meus companheiros me semearam esta
insatisfação
dia a dia mais insatisfeita.
Eles me encheram a infância do sol que brilhou
no dia em que nasci.
Com a sua camaradagem luminosa, impensada,
sua alegria radiante,
seu entusiasmo explosivo diante
de qualquer papagaio de papel feito asa
no céu de um azul tecnicolor,
sua lealdade sem código, sempre pronta,
- eles encheram minha infância arrapazada
de felicidade e aventuras inesquecíveis.

Se hoje o sol não brilha como do dia
em que nasci, na grande casa,
à beira do Índico,
não me deixo adormecer na escuridão.
Meus companheiros me são seguros guias
na minha rota através da vida.
Eles me provaram que "fraternidade" não é mera
palavra bonita
escrita a negro no dicionário da estante:
ensinaram-me que "fraternidade" é um sentimento
belo, e possível,
mesmo quando as epidermes e a paisagem
circundante
são tão diferentes.

Por isso eu CREIO que um dia
o sol voltará a brilhar, calmo, sobre o Índico.
Gaivotas pairarão, brancas, doidas de azul
e os pescadores voltarão cantando,
navegando sobre a tarde ténue.

E este veneno de lua que a dor me injectou nas veias
em noite de tambor e batuque
deixará para sempre de me inquietar.

Um dia,
o sol iluminará a vida.
E será como uma nova infância raiando para todos.

PRO TONSORIS LEGATO

Algum Lucas

A queda do léxico que tanto preconceito consigo porta, tantas guerras urbanas suscitadas diariamente, semana após semana, ano após ano, quanto sangue a ser evitado, ó Pai Nosso, Napoleão, fossem os homens das letras, desde o início, filhos teus. Tu, deidade com a qual tomamos a liberdade de nos referir quase que informalmente, que sempre foras tão solidário e tolerante, dentro dos limites — mais que da Razão! — da Língua Portuguesa, que não é senão da latina a evolução — *amen*. Tu, muso nosso, inspira-nos o argumento que daqui em diante desvelar-se-á e afasta-nos de toda impura variação idiótica que ao *codex* da língua *mater* não obedece — *amen*.

"Fostes, caro amigo, ao cabeleleiro?" Apostamos que nem o leitor mais atento fora capaz de notar nesta sentença a incoerência. Pois eis o léxico maldito, que, há séculos, já, o nobre cidadão assola. Nossa tese será doravante apresentada de modo a estabelecer, primeiramente, os motivos sociais da mudança; e, em seguida, consistirá da explicitação da incoerência gramatical e etimológica do vocábulo; para, enfim, ilustrar aos caros leitores, a situação modelo — a utopia que trazemos!

Cabeleireiro. Esta perniciosa armadilha fonética — e etimológica! — mostra-se um — se não o! — dos maiores males da cultura brasileira contemporânea. E nossa missão, aqui, apesar da odisseia periclitante que se revela no horizonte, é simples: não só aboli-la, mas ressarcir a civilização lusófona pelos prejuízos por tal calão causados. Antes que se apresente a alternativa proposta, mostrar-vos-emos, sem piedade, o Mal em sua forma mais pura.

Quantas compilações não há, na *internet* — por piedade, *Pater Nostrum*, perdoai-nos os barbarismos heréticos, assim como nós perdoamos aqueles que nos têm-nos repetido —, de fachadas que ostentam a palavra cruel, ortograficamente incorreta. Quanto sangue mais é preciso a este pagão ritual que desestabiliza a unidade do povo lusodescendente?! As contendas que já presenciamos... haja querelas para satisfazer a sede de carnificina daqueles que tal conciliábulo conspiraram!

Basta! Eis, à mostra, para todos, eternizadas nestas humildes palavras de ascetas napoleônicos — d'O Verdadeiro Napoleão! —, as provas irrefutáveis da incomensurável e fastidiosa construção léxica que — tal qual a vil manigância que é! — disseminou-se, pestilenta, por entremeios irresponsáveis dos falantes da *Sacra Mater.* A começar pelo abandono dos étimos latinos *tonsor* e *ornatrix*, tragédia que a esta altura já não se pode remediar, o uso da terminação -eiro, em cabelereiro — perdoe-nos o engodo, todavia cabe a lição: não acredite nos sortilégios de seus olhos, leitor, creia que os fonemas não mentem —, é incorreta.

Explica-se: -eiro, a ser denominador de função, ofício, *métier* — louvado seja o Galicismo! —, cabe somente ao que tem por profissão o feitio de cabeleiras. Ora, igualar a Genoma todo aquele que cabelos penteia é heresia Capital. E mais: o respeito às origens prescreve a utilização do sufixo -dor, que tantos verbos humildemente substantiva. Ora, vejam: não uma, mas duas — e a virtualidade de infinitas mais! — palavras então nascem. De holística beleza e regularidade o verbo "cabelar", que não só o pentear de cabelos, como também o manufaturar de perucas — por que não? — pode referenciar.

Sabemos o impacto que trazem consigo as palavras, pois são as únicas que verdadeiramente *omnia sua secum portant*. Nasce, *urbi et orbi*, "cabelador". O cabelador e a cabeladora são aqueles que, da mais sensível madeixa ao mais liso cocuruto, estão aptos a intervir — por vezes heroicamente! Imaginem só a utopia lusófona de viver num mundo em que se lê nas placas dos salões: "Cabelador" ou "Aqui prestam-se serviços de cabelaria para homens e mulheres" — e mais uma surge! é um ímpeto beático, incessante jorro de vida num quase assassinado idioma!

Não há mais a ser dito. O léxico diz tudo. Levantai-vos, falantes, os verdadeiros lexicógrafos, e não mais subjugai-vos às delusões desta inverdade que por anos se fez presente em nossas vidas e em nossa Língua — que nossa vida faz, nossa vida é! Levantemo-nos, com a benção do *Pater Nostrum*, e em uníssono vociferemos "Cabeladores cabelam cabelos"! Pois é esta a verdade do que são e do que fazem! Cabeladores cabelam cabelos! Purgai com a verdade aquela à qual tudo devemos, e não nos deixei cair em falha virgulação! É o fim do sermão, acólitos do Pai, Vírgulas, Sintaxe que amamos tanto — *amen*!

Iracy Gentile

Poema integrante de *As mulheres poetas na literatura brasileira* Vol. 1, org. Rubens Jardim, 2017.

Brancos são os olhos das mulheres

Brancos são os olhos das mulheres
Brancas as paisagens
O céu todo branco arqueando-se em horizontes.
Brancos homens? Brancas ruas?
Onde estão as cores da vida?
O sol quer se pôr e nada mudou!
Sempre a alvura infinita
Distendendo-se em toda a parte
Os olhos cansam de ver
Sempre a mesma paisagem.
Ele. — o que tinha azul nos olhos
Que tanto me assombraram
Que branca lembrança me deixou!
Ah! Este tédio branco ao meu encalço
Onde tudo é loucura,
Este longínquo marulhar de vozes veladas
Que passam por mim
E este sussurro de harmonia extinta.

A vingança de Giambologna

Lúcio Autran

Das coisas que mais me deliciam é quando um artista, fazendo uso de seu gênio, engenho e arte, para sobreviver às exigências de seu mecenas, o ironiza, no limite da crueldade e do sarcasmo, e, mais importante, sem que este perceba.

Talvez o mais genial nessa difícil (e arriscada) tarefa tenha sido Velásquez. Imaginem quão insuportável deve ser para o artista ter, todo santo dia, um membro da Família Real torrando sua paciência para pintar sua glória, "beleza", riqueza e poder para deleite dos séculos.

Enquanto Goya refugiava-se no atelier para deixar fugir entre as sombras seus demônios, realizando, na Fase Negra, dos mais impressionantes testemunhos do desespero humano, Velásquez, fazendo uso da razão e da técnica, encontrou outra forma: registrou a feiura insuperável dos Bourbon, com seus queixos de espreguiçadeira, chegando mesmo a anular a importância do casal Filipe IV e sua mulher, Mariana, em "As Meninas", e, mais interessante, tendo a maestria de comunicar ao observador sua vitória sobre a Real Família, para gáudio dos séculos.

Recentemente tive a oportunidade de conhecer das mais deliciosas manifestações desse tipo, em Bolonha, em sua versão fescenina, que por lá alguns juram ser uma lenda, o que duvido muito, dada a, digamos, verossimilhança da coisa. Todavia, mesmo se for uma lenda, fico com ela, que é sempre, além de mais saborosa, mais verossímil do que a realidade.

Romanceemos um pouco, que sem isso a vida não tem a menor graça.

Em 1563, Pier Donato Cesi, Cardeal de nobilíssima linhagem, encomendou uma escultura de Netuno a Giambologna, a ser colocada em destaque na Piazza Maggiore, para homenagear o Papa Pio IV, então em pleno exercício do seu poder sobre o sagrado e o profano, talvez querendo demonstrar seu domínio sobre mares e terras.

O problema é que o artista teria recebido instruções de que seu Netuno – "afinal, um Papa homenagearemos" – não tivesse seu outro "tridente" (ou seria mais apropriado chamá-lo "monodente") muito avantajado.

De fato, ao olharmos a belíssima escultura de frente, podemos notar que Netuno não teria sido excepcionalmente bem aquinhoado pelos deuses, de forma a fazer felizes Salácia, Ceres e Medusa, dentre outros amores do namorador deus.

Ocorre que, irritado com a censura que lhe impunha o Cardeal, ou mesmo com o fato de ter perdido, três anos antes, para Ammannati a disputa da escultura de Netuno a ser instalada na Piazza de la Signoria, em Florença, mais provavelmente com ambos, pois vira o pagamento escapar-lhe entres os dedos, ao invés de protestar em redes sociais, que, de resto, à época deviam ser um tanto precárias, contra esse "absurdo autoritário", e, coitado, sequer podendo levantar seu dedo em riste, vociferando "fascista!", por absoluta impossibilidade cronológica.

Hábil e sub-repticiamente, o dedo que Giambologna levantou não foi o seu, mas o polegar do deus romano, o que, auxiliado pela luz do dia, faz com que, de um ponto bem determinado da piazza, local onde foi colocada uma pedra negra apelidada pelo povo "la vergogna", tenhamos, até hoje, a divertidíssima visão de um Netuno com um invejável tridente (ou seria "monodente"?), pronto para enfrentar as mais terríveis tempestades da moral cardinalícia, dos pundonores papais e as mais gulosas deusas.

Haveria de ser engraçado ver moçoilas excitadas, circunspectos varões (êpa! desculpem o involuntário trocadilho) e alguns bispos invejosos discretamente tangenciando "la

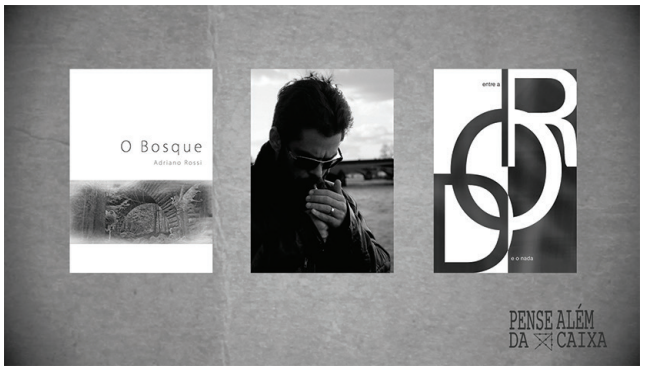
pietra nera della vergogna", entre o escândalo e a curiosidade, onde, quase cinco séculos depois, eu, minha mulher e meu filho ("de nove anos? Amoral irresponsável!". Amoral és tu, mente devassa e devastada, ele ainda não associou causa e efeito, mas sabe o que tem entre as pernas inocentes) demos gargalhadas que hão de ecoar pelos séculos.

Arte? Sim, e das boas, fruto de minucioso trabalho que seguiu as mais estritas regras "do engenho e da arte", regras estas jamais escritas de forma canônica, por absoluta incompatibilidade, pois, como nos ensinou Corneille: a Arte "é algo, sem dúvida, com regras, mas não se sabe quais".

Estava, senhores, vingada a arte, sem que os ímpetos sensórios do cardinalato e do papado nada tenham percebido, ou pior, talvez o tenham, mas vexados de traírem-se e ficar evidente que, também eles, curiosos, andaram rondando a "pietra nera", preferiram calar.

Estava perpetuada a ironia. Vejam vocês o resultado, lá está, altiva (e põe altiva nisso), em plena Piazza Maggiore...

Será que não aprenderemos nunca, ou o que nos falta mesmo é talento?



A cor e a textura de uma folha em branco é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeno editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

Para adquirir o livro: www.amazon.com

Centro de Letras do Paraná
Instituto de Engenharia do Paraná

convidam para a
Festa Literária

13 de dezembro 18 às 22h
Centro de Eventos do IEP
Rua Emiliano Perneta, 174 - 1º Andar

Durante o evento serão lançados 10 livros, componentes da
Coleção Literária de Autores Paranaenses

Apollo Taborda França - Vida e Obra
Adélia Maria Woellner - Minha Vida, Minha Obra
Entre Vistas & Memórias - Liamir Santos Hauer e Lygia Lopes dos Santos
Família Friedrich em Trovas
João Manuel Simões - Vida e Obra
Janske Niemann Schlenker - Poemas Reunidos
Orlando Woczikosky - Poemas Reunidos
Paulo Roberto Walbach Prestes - Minha Vida, Minha Obra
Curitiba Plural - Coletânea de 39 autores
Cronistas do Centro de Letras do Paraná - Coletânea de 61 autores

O Evento contará com apresentação musical do grupo: **Seresteiros do IEP**

Eduard Traste

sensibilidade etílica

entrei e fui direto
ao caixa. eu não tinha
um puto no bolso
mas depois de observar
a atendente por uns
bons minutos
ainda antes de entrar
percebi que se pedisse
com devida atenção
uma carteira de cigarros
e a convidasse
para fumar comigo
depois do expediente
ela não me cobraria
nada. e dito e feito
quase fui
preso.

Binyavanga Wainaina

Trecho de *Um dia vou escrever sobre este lugar*, Editora Kapulana, 2018

Somos filhos da guerra fria. Entramos na maioridade quando ela terminou; assistimos a nossos países se amassarem como papel. É como se os Grandes Lagos estivessem de pé e crescendo por cima do mapa e se inclinando para baixo, e correntes de ruandeses, quenianos e outros estão desaguando no Congo, Tanzânia, Quênia. Então o Quênia estremeceu e eles se levantaram e desaguaram na África do Sul.

A primavera está chegando e estou agitado. Meu cabelo não é mais tratado quimicamente. Ele ficou crespo. Meus dedos observam a si mesmos na parede à luz de velas enquanto brincam com um pente afro dividindo meu couro cabeludo em quadrados certos, seção por seção, mindinho afastado, dedos polegar, indicador e médio trabalhando, batendo um no outro primeiro, fazendo-me lembrar de Mary estalando os dedos no salão de Mamãe.

No noticiário aqui, um menino ruandês de quatorze anos atravessou a fronteira para a África do Sul. A pé. Monte sua pequena torre de cabelos, observe-a pender para o lado, passe o dedo indicador e sinta a ordenação oculta de toda aquela massa crespa, dividida e quadrada e transformada em um campo de pedacinhos curtos de renda. Não olhe para seus dedos; eles vão parar imediatamente e ficar confusos.

Tia Rosaria mora em Ruanda. Com seus três filhos e marido. Não temos notícias dela desde que a matança começou. Mamãe está desesperada. Eu deveria ligar para ela.

Não ligo para ela.

Médicos do Quênia, meninos da Mang'u, inundam hospitais sul-africanos a trabalho. Deixe o tempo ser cada nó não finalizado; tempo é seus dedos alcançando a parte de trás da cabeça e agarrando o monte selvagem de cabelo embaraçado – limpíssimo e quebradiço por causa do secador. Junte o monte de cabelos, para que ele não se enrole em si mesmo, e segure-o como um buquê de flores; esfregue os dedos pelos lados de seu buquê para evitar que fique escorregadio demais. Em minutos vocês, os não iniciados, estão se movendo pelo tabuleiro de xadrez crescente, as pontas dos dedos se beijando rapidamente, como as de Mary – olhos esbugalhados e falando baixinho para as costas das orelhas de Mamãe, nada de que você se lembre.

Este ano, quenianos começam a chegar à África do Sul em grandes quantidades. Às vezes, saio do meu quarto, sempre à noite, e acabo em festas com pequenos grupos de jovens. Eles trazem histórias que fluem pelo continente: Ah, as estradas no sul da Tanzânia? Quais estradas? E riem. Algumas pessoas vinham regularmente, para comprar Peugeots antigos na África do Sul de mulheres brancas velhas e levá-los de volta para o Quênia para revender. Depois de algumas viagens, sabendo subornar; como se esconder em meio a todos; como construir uma história de refugiado perfeita; como pagar as mensalidades da faculdade; o que dizer em entrevistas de emprego (Eu não sou militante. Suas estradas são tão boas. Eles vão me matar. Os políticos. Eu sou de Ruanda. Somália. Libéria. Eu perco meus documentos. Eu sou órfão. Não, não, eu não sou médico, eu sou bebê de Geldof refugiado. Olha, olha meu rosto parece um bebê do Geldof piedoso. No spik English.)

Você coleta informações sobre a polícia rodoviária em Botsuana, que é impossível subornar; sobre a vida universitária em Harare. É tão limpo; a educação é barata e de boa qualidade.

Moi fraudou as eleições e a economia está afundando. Houve confrontos étnicos no Vale do Rift, não muito longe de onde meus pais moram, onde cresci.

Em 1992, milhares foram desalojados da província do Vale do Rift no Quênia. Os principais agressores foram as milícias de Moi. Há retaliações – e logo não está claro quem começou o quê, onde ou quando – e logo a violência se espalha para fora do Vale do Rift, para Nyanza e para o Oeste. Parece claro que o governo de Moi está chegando ao fim, e isso serve como um tipo de solução final para livrar o Vale do Rift de "estrangeiros".

Ayn Rand

Trecho de *A Nascente*, Editora Arqueiro, 2013 (1943). Tradução: Andrea Holcberg e David Holcberg

Lois Cook era a presidente do Conselho dos Escritores Americanos. Eles se reuniam na sala de visitas de sua casa no Bowery. Ela era o único membro famoso. Os outros incluíam uma mulher que nunca usava letras maiúsculas em seus livros e um homem que nunca usava vírgulas; um jovem que escrevera um romance de mil páginas sem uma única letra "o", e outro que escrevia poemas que não tinham rima nem métrica; um homem de barba, que era sofisticado e provava isso usando todos os palavrões que não se pode publicar, a cada dez páginas de seu manuscrito; uma mulher que imitava Lois Clark com a diferença de que seu estilo era menos claro. Quando lhe pediam explicações, ela afirmava que era assim que a vida soava para ela quando era decomposta pelo prisma de seu subconsciente. Ela dizia: "Você sabe o que um prisma faz com um raio de luz, não sabe?" Havia também um jovem raivoso conhecido apenas como Ike, o Gênio, embora ninguém soubesse o que ele havia feito, a não ser que falava sobre amar toda a vida.

(...)

O Conselho dos Artistas Americanos tinha como presidente um jovem cadavérico que pintava o que via em seus sonhos noturnos. Havia um garoto que não usava telas, mas fazia alguma coisa com gaiolas e metrônomos, e outro que descobriu uma nova técnica de pintura: ele rabiscava de preto uma folha de papel e depois pintava com uma borracha. Havia uma mulher robusta de meia-idade que desenhava subconscientemente, alegando que nunca olhava para sua mão e não tinha ideia do que estava fazendo. Segundo ela, sua mão era guiada pelo espírito do amante morto que ela nunca conhecera na Terra.